



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

EDNEIDE ELISBÃO

**MÃOS QUE TECEM: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE
RENDA RENASCENÇA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
CARIRI PARAIBANO**

**SUMÉ – PB
2023**

EDNEIDE ELISBÃO

**MÃOS QUE TECEM: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE
RENDA RENASCENÇA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
CARIRI PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.

**SUMÉ – PB
2023**



E43m Elisbão, Edneide.
Mãos que tecem: uma etnografia da produção de renda renascença em uma comunidade quilombola no Cariri Paraibano. / Edneide Elisbão. - 2023.

68 f.

Orientadora: Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Etnografia. 2. Renda renascença - comunidade quilombola. 3. Rendeiras quilombolas. 4. Cariri Paraibano - renda renascença. 5. Quilombolas - Paraíba. 6. Quilombo Cacimba Nova - Paraíba. I. Lima, Júnia Marússia Trigueiro de. II Título.

CDU: 39(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

EDNEIDE ELISBÃO

**MÃOS QUE TECEM: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE
RENDA RENASCENÇA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
CARIRI PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Ma. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Júlia Dias Escobar Brussi.
Examinadora Externa – UFOPA**

**Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.
Examinadora Interna – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 22 de novembro de 2023.

SUMÉ - PB

Dedico ao Quilombo Cacimba Nova

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio incondicional, a minha mãe Maria, que me ensinou a ler e escrever, à qual sempre teve minha profunda admiração. Sou grata pela sua contribuição para que eu pudesse realizar este trabalho. Ao meu pai, Edmilson Elisbão, que sempre me incentivou a estudar, e despertou em mim o gosto pela leitura. Sou imensamente grata por tudo que fizeram por mim. E aos meus irmãos, Marcos e Edielison, ao meu primo Inacimar, que tanto me orgulham e apoiam.

Aos meus filhos de pelo Bubu, Pandora e Orion, que tanto me confortam.

Sou grata a minha companheira Vanessa Roseno, que tornou meus dias mais amáveis, com seu companheirismo.

Agradeço também aos meus amigos, em especial Nandhara Bezerra, a melhor amiga que o curso de Ciências Sociais me proporcionou, desde então, esteve ao meu lado compartilhando momentos de alegria e choro, o seu apoio foi essencial. E aos demais amigos que me apoiaram durante todo o percurso trilhado.

Agradeço a minha orientadora, Júnia Marússia, por sua paciência e suas correções, que foram essenciais durante todo o processo para realização deste trabalho. Cujos ensinamentos perpassaram as reuniões de orientação, e por todo incentivo quando eu mesma não acreditava que seria capaz. Sou imensamente grata por seu apoio e dedicação.

Às rendeiras do Quilombo Cacimba Nova, Maria José, Rosa, Socorro, Genilda e Giselia, que contribuíram para que este trabalho fosse realizado, cujo o cotidiano tive o prazer de acompanhar, ouvindo histórias de vida de cada uma de vocês.

Agradeço também aos professores, em especial a Lena Costa Carvalho, cuja dedicação à docência sempre me inspirou, e acompanhou meu percurso desde o início da graduação. E a Valdonilson Barbosa, por partilhar seus ensinamentos, no PIBID e no Residência Pedagógica.

Por fim, agradeço a banca, a Profa. Dra. Lena Costa Carvalho e a Profa. Dra. Júlia Brussi, por suas contribuições a este trabalho.

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos como se dá a relação da produção da renda renascença com as mulheres de Cacimba Nova, uma comunidade quilombola do Cariri Paraibano (São João do Tigre-PB). Abordamos como essa produção expressiva é realizada no ambiente doméstico dessas rendeiras e as suas motivações para continuarem a produzir a renascença. A partir da relação que elas têm com os objetos criados, bem como o valor simbólico e cultural da renda, investigamos a relação entre seus corpos e objetos de criação através dessa atividade. A partir disso, conseguimos compreender como os significados da renda foram internalizadas, desde seu processo de aprendizagem na infância, e posteriormente se intensificou quando essa produção gerou uma ideia de autonomia. Além do orgulho que têm perante seu ofício, que em certa medida gerou uma dádiva, ao longo de suas vidas, sendo esse conceito utilizado extraído a partir das leituras feitas do Marcel Mauss. Neste trabalho, argumento que essa opção ocorre porque a renda renascença passa ter um caráter simbólico, que está para além da lógica utilitarista do trabalho. Foi constatado ao longo da pesquisa que essa relação é afetiva e, de forma inicial, foi um meio pelo qual elas encontraram uma autonomia. Para isso, foi necessário o estudo bibliográfico e, para inserção no campo de pesquisa, adotamos a etnografia como percurso metodológico. Cinco rendeiras contribuíram para realização deste trabalho.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas; Renda Renascença; Aprendizagem; Socialização; Simbologias; Técnica.

ELISBÃO, Edneide. **Hands that weave:** an ethnography of Renaissance lace production in a quilombola community in Cariri, Paraíba. 2023. 68f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé – Paraíba, 2023.

ABSTRACT

In this work, we describe how the production of Renaissance lace works with the women of Cacimba Nova, a quilombola community in Cariri Paraibano (remnant of black people who resisted slavery in the Brazilian past). We address how this expressive production is carried out in the domestic environment of these lace and their motivations for continuing to produce the renaissance. Based on the relationship they have with the objects created, as well as the symbolic and cultural value of income, we investigate the relationship between their bodies and objects created through this activity. From this, we were able to understand how the meanings of income were internalized, since the learning process in childhood, and later intensified when this production generated an idea of autonomy. In addition to the pride, they have in their craft, which to a certain extent generated a gift throughout their lives, this concept was used based on readings made by Marcel Mauss. In this work, the argument is that this option occurs because the renaissance income now has a symbolic character, which goes beyond the utilitarian logic of work. It was found throughout the research that this relationship is affective and, initially, it was a means, through which they regained autonomy. For this, a bibliographical study was necessary and, to enter the research field, we adopted ethnography as a methodological path. Five recipes developed to carry out this work.

Key-words: Quilombola women; Renaissance Lace; Learning; Symbologies; Technique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Comunidade reunida para entrega do certificado enviado pela Fundação Cultural Palmares.....	17
Figura 2 -	Moradores da comunidade assinando a ata de autorreconhecimento enquanto quilombolas.....	18
Figura 3 -	Data comemorativa no novembro negro com algumas rendeiras dançando samba de roda:.....	19
Figura 4 -	Rendeira Tereza de Benguela tecendo.....	31
Figura 5 -	Aplicando o lacê sobre o risco.....	35
Figura 6 -	Louça produzida pela rendeira Tereza de Benguela.....	42
Figura 7 -	Rendeira no desfile São Paulo <i>Fashion Week</i> em 2016.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- FCP** - Fundação Cultural Palmares
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDH** - Índice de Desenvolvimento Humano
- PROCASE** - Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Cariri
- SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	TECENDO A PESQUISA.....	14
2.1	BREVE HISTÓRICO DA RENDA: DO PALÁCIO DE VERSALHES AO NORDESTEBRASILEIRO.....	14
2.2	CAMPO DE PESQUISA: A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CACIMBA NOVA:.....	15
2.3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
2.3.1	Desafios de pesquisar o familiar.....	25
3	A CADA PONTO UMA HISTÓRIA: APRENDIZAGEM COLETIVA E INDIVIDUAL DAS RENDEIRAS.....	27
3.1	TECENDO A TEORIA.....	28
3.2	FORMAS DE APRENDIZAGEM.....	29
3.3	PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO CAMPO DAS RELAÇÕES FAMILIARES DA COMUNIDADE.....	32
3.4	ENTRE A RENDA E A TÉCNICA.....	35
3.4.1	O estigma sobre as que não tecem.....	42
3.5	AMARRANDO OS PONTOS.....	43
4	SIMBOLOGIAS DA RENDA.....	44
4.1	TECENDO A TEORIA.....	44
4.1.1	Antropologia e sociologia do trabalho.....	45
4.1.2	Antropologia do corpo.....	47
4.2	REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO NO QUILOMBO CACIMBA NOVA	49
4.2.1	Trabalho que gera autonomia.....	51
4.3	AS VARIAÇÕES DE NARRATIVAS SOBRE A RENDA E SUAS SIGNIFICÂNCIAS.....	56
4.4	AMARRANDO OS PONTOS.....	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE.....	66

1 INTRODUÇÃO

A produção artesanal é um elemento de reprodução de um modo de vida em algumas comunidades. No Quilombo Cacimba Nova, localizado no município paraibano de São João do Tigre, a renda renascença é um exemplo disso. O intuito deste trabalho é analisar e descrever a produção da renda renascença a partir da perspectiva das mulheres dessa comunidade. Analisamos a relação que elas têm com a sua produção no cotidiano, em seu âmbito econômico e social. Levamos em consideração aspectos simbólicos da renda, evidenciando os processos cotidianos de trabalho com esse tipo de artesanato.

A fim de compreender os fenômenos envolvidos na produção da renda e o seu impacto na vida das mulheres que a produzem, surgiu o interesse em estudá-los na comunidade quilombola a qual pertence. O município de São João do Tigre tem uma área territorial de 812.617 km², com população estimada de 4.263 habitantes segundo o censo demográfico de 2022 (IBGE, 2022). A maioria da sua população vive na zona rural. A cidade ocupa o ranking de 190º dentre 200, no estado da Paraíba no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), apresentando um índice baixo, com 0,552 em 2010 em comparação ao índice nacional que foi de 0,759. No ano de 2002, a partir do Decreto Estadual nº 22.800, uma vasta área territorial de 36 mil hectares passou a ser demarcada, sob o título de Área de Proteção Ambiental das Onças, contendo uma vegetação da caatinga e áreas específicas contendo pinturas rupestres.

A comunidade Cacimba Nova está localizada na zona rural, a cerca de 28 km da cidade de São João do Tigre – PB. Lá residem cerca de 87 famílias de pessoas que foram escravizadas durante o período colonial no Nordeste brasileiro. Mesmo com o reconhecimento enquanto grupo étnico pela Fundação Cultural Palmares, a comunidade não foi demarcada territorialmente. Na Paraíba 6 comunidades tem o decreto territorial, e 17 deram entrada no processo de delimitação de seus territórios (INCRA, 2023).

A comunidade Cacimba Nova onde foi o campo de pesquisa está envolta por tradições culturais próprias e formas de organizações comunitárias. A maioria dos sujeitos que vivem lá têm uma forte ligação com a agricultura familiar e com a criação de animais. Entre as mulheres, inicialmente a produção de painéis de barro era predominante, mas ao longo dos anos foi sendo abandonada, já que não havia mais uma demanda pelo produto. As principais fontes de renda advêm do trabalho com a terra, costura na produção de roupas, programas como Bolsa Família e aposentadoria. Segundo o IBGE (2022), 53,4% da população do município tem uma renda percapita de 1/2 salário mínimo como rendimento.

Atualmente 18 mulheres concentram-se na atividade artesanal da produção da renascença. Estas, por sua vez, são vendidas nas feiras em Pernambuco ou feitas por encomenda, tendo a característica de complementar a renda familiar. Na região, ocorreram diversas de emancipação e iniciativas visando à liberdade financeira das mulheres produtoras de renda no Cariri, através de programas governamentais e de projetos sociais como SEBRAE, CONARENDA, PROCASE e Cunhã., aA partir de 2015 essas iniciativas estiveram presentes em Cacimba Nova, porém desde 2019 não estão mais atuando nesse território, pois eram temporárias. A comercialização do produto geralmente é feita para “atravessadores”, ou *designers* como Fernanda Yamamoto, Romero Fraga e Martha Medeiros que têm laços de comercialização há mais tempo com as rendeiras ligas a associação COOPETIGRE da cidade.

No entanto, o lucro do produto raramente compensa o tempo empregado para confeccionar a peça. Quando começam a produzir algo, o tempo que levam para terminar varia dependendo do tamanho da peça, algumas que a produzem sozinhas passam de 6 a 8 meses para finalizarem algo. De acordo com Suelen Oliveira (2022, p.59) algumas das rendeiras associadas do Cariri relatam que peças menores como blusas que duram 2 meses para se produzir, tendo um retorno de 600 reais cada. Quando tais dados foram levantados a linha branca utilizada para produzir custava 45 reais o novelo. Quando colorido, custava 50 reais, o material utilizado em cada peça varia do tamanho e pontos utilizados para produzirem a renda.

Destaco ainda outras formas de trabalho que se inseriram a partir da grande comercialização e expansão em busca de mão de obra barata, como a criação das confecções de costura no Agreste pernambucano, que adentraram algumas cidades do Cariri, devido à fragmentação da produção de roupas. A maioria das rendeiras também estão nessa atividade, principalmente aquelas que não têm outras fontes de dinheiro.

A renascença é presente na vida dessas mulheres, mesmo que essa atividade demande muitas horas e material de alto custo e ainda que tenham outras possibilidades de trabalho em que ganhariam mais, como o caso dos nos fabricos de costura. Nesse sentido, me pergunto o que motiva as rendeiras a continuarem a produção, mesmo ela dando um retorno financeiro insuficiente para sua subsistência? E qual o significado da renda para as mulheres que a produzem?

Este trabalho tem o caráter de aprofundar o debate sobre o trabalho artesanal de produção da Renda Renascença no Cariri paraibano, a partir do recorte de gênero e étnico racial. Investiguei como essa produção se insere na vida cotidiana de mulheres da comunidade de Cacimba Nova. Não se trata apenas de lidar com a renda enquanto objeto de subsistência,

mas percebi que existe um tipo de relação entre o corpo e seus objetos de criação. Para isso utilizei da minha própria trajetória, enquanto nativa do Quilombo Cacimba Nova, para compreender essas motivações que as envolvem em produzirem a renda. Minha relação com a renascença vem do fato de ter crescido vendo-as fazendo cada etapa de criação dos seus objetos artesanais. Observei o orgulho que sentiam quando finalizam suas peças depois de longas jornadas de trabalho que perpassavam meses, mesmo sabendo que, ao iniciar o processo de comercialização da peça, o tempo gasto na produção não era valorizado economicamente.

Senti a necessidade de me debruçar no estudo que visualize a relação simbólica das mulheres com seus objetos de criação, a partir da produção científica e acadêmica, e nos processos coletivos de produção cultural das mulheres rendeiras para que essas também adentrem como sujeitos de transformação do conhecimento. Para além disso, esse trabalho teve a pretensão de contribuir para valorização da produção da renda renascença e de identificar e visibilizar as mulheres quilombolas que a produzem. Para isso troquei os nomes das interlocutoras da pesquisa colocando um fictício para preservar a identidade de cada uma, denominando-as de Nísia¹, Margarida², Acotirene³, Frida⁴ e Tereza de Benguela⁵.

Neste trabalho, será possível compreender como se dá o desenvolvimento das habilidades de cada rendeira com o seu ofício, a autonomia inicial que a produção proporcionou na vida delas, e suas motivações para continuarem no ofício, associadas a uma perspectiva simbólica e afetiva com o que produzem.

Tecemos alguns percursos para atingir esses resultados, que se encontram nos capítulos que seguem. O primeiro está relacionado a uma contextualização do campo e lugar de pesquisa, com a descrição do quilombo, a descrição histórica da renda e como ela adentrou na comunidade. Também traremos uma reflexão metodológica a partir dos desafios encontrados durante a pesquisa.

O segundo capítulo, “A cada ponto uma história”, retrata os processos de aprendizagem de cada uma das cinco rendeiras do Quilombo Cacimba Nova que contribuíram para pesquisa. Foi possível compreender e descrever como cada uma delas iniciou seu

¹ Em analogia a Nísia Floresta, foi uma educadora e defensora dos direitos das mulheres.

² Nome atribuído em analogia a Margarida Maria Alves que foi uma sindicalista paraibana defensora dos direitos dos trabalhadores rurais.

³ Em analogia a Acotirene que foi uma das primeiras moradoras do Quilombo dos Palmares.

⁴ Analogia a Frida Khalo, foi uma artista que abordava temas como gênero, política dando destaque em suas obras a cultura popular.

⁵ Em analogia a Tereza de Benguela que foi uma líder do Quilombo Quariterê durante o processo de colonização do país.

desenvolvimento de habilidades com o ofício, buscando dialogar com o aporte teórico, a partir de diferentes perspectivas, sobre o processo de aprendizagem que acontece no ambiente doméstico e familiar. Esse enfoque nos faz perceber as diferentes formas com que as pessoas desenvolvem habilidades fora do ambiente institucionalizado, bem como a própria técnica empregada nesse ofício. Isso torna possível constatar como a renda está associada às suas práticas cotidianas, que remetem as suas primeiras tentativas. Para aquelas que não desenvolvem algumas das habilidades vistas como normais para o grupo, se cria um estigma.

O terceiro capítulo “Simbologias da renda”, retrata a relação simbólica que as rendeiras têm com seus objetos de criação, permeando a afetividade. Com base em pressupostos teóricos acerca do simbolismo, do trabalho e do corpo, enfocamos as representações do ofício no Quilombo Cacimba Nova, dando ênfase também à divisão sexual do trabalho.

Abordaremos a percepção sobre como é o trabalho para alguns grupos como no campesinato negro, e sua relação com o território onde vivem. Assim, a renda também está interligada como um meio de gerar sua própria autonomia inicial. Constatamos que o próprio corpo nesse contexto é visto como algo interligado com seus instrumentos de trabalho. Além disso, as significações desse ofício para elas permeiam a afetividade: algumas criam uma relação de gratidão, já que essa atividade foi para elas as primeiras formas de contribuírem financeiramente com seus lares.

2 TECENDO A PESQUISA

Este capítulo aborda a origem da renda renascença, até sua chegada à comunidade a partir do levantamento bibliográfico e do relato de uma das interlocutoras. Abordamos como se organiza a vida no Quilombo, e seu processo sócio histórico de construção indenitária, bem como seus conflitos. Por fim, descrevemos os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, desde a escolha do método utilizado, até a inserção no campo e as frustrações encontradas ao longo da pesquisa

2.1 BREVE HISTÓRICO DA RENDA: DO PALÁCIO DE VERSALHES AO NORDESTE BRASILEIRO:

As primeiras confecções de renda surgiram na Itália e na França. Durante o século XVII a renda se introduz na corte como uma forma de criação artística e valorização da *alta costura*, como forma de distinção, tendo como nicho consumidor o clero e a nobreza. De acordo com Kussik (2016), durante a sua inserção houve diversas transformações nos tipos de materiais utilizados na sua produção. A renda com agulha se populariza especialmente na Europa, principalmente com a criação da fitinha de tecido conhecida comumente como lacê.

Apesar das transformações históricas, a renda continuou sendo uma peça atemporal e ainda é destinada a um nicho específico da sociedade desde sua criação. Ela foi usada pela realeza de Luís XVI, fazia uso recorrente de peças extravagantes e caras e Maria Antonieta, conhecida por seu alto requinte e impecabilidade de vestimentas no Palácio de Versalhes. Rodrigues (2019, p.55) a aponta como uma forma de “distanciamento hierárquico” da realeza francesa em relação aos súditos.

A renda renascença, tal qual como é conhecida nos dias atuais, chega ao Brasil no século XX. Brito (2017) afirma que a renda chegou com os colonos europeus, sendo as mulheres as principais produtoras dessa atividade artesanal, assim como o bilro, bordado e a renascença. Seu processo de interiorização começa principalmente no Nordeste brasileiro, mais especificamente em Pernambuco (Brito, 2017). Com as escolas femininas realizadas nos conventos, essa técnica foi sendo repassada para as demais mulheres, já que fazia parte dos currículos escolares o ensino das atividades artesanais.

Só em 1930 que se inicia a interiorização da renda renascença nas cidades de Poção e Pesqueira ambas em Pernambuco, devido a uma moradora da cidade que consegue estudar no Colégio de Santa Teresa em Olinda. Nessa escola, todas as meninas aprendiam a fazer a renda

e Maria Pastora, após estudar nesse colégio, retornou para casa e ensinou a sua amiga Elza Medeiros, que posteriormente criou em Poçoão a primeira escola de rendeiras. A renda continua sendo um elemento de distinção social por quem o usa devido ao alto valor da peça. Brito (2017, p. 44-45), destaca que:

Mulheres em condição mediana à rica possuíam uma área reservada na casa para suas atividades manuais. Ainda na década de 1930, Pesqueira já possuía uma classe industrial abastada. Somada às 45 famílias ligadas à política passaram a se diferenciar nas construções das casas, e, as mulheres, com aplicações de renda renascença em suas roupas.

Pouco depois, a renda chega na Paraíba, em 1950, através de algumas mulheres de Camalaú e São João do Tigre. A primeira rendeira, Maria dos Anjos, ensinou a técnica a outras mulheres dos municípios de Zabelê e Umbuzeiro. Ferreira (2017) aponta que uma das formas de disseminação da produção da renda para o Cariri se deu pela proximidade regional entre os municípios e o estado vizinho.

A chegada da renda ao quilombo Cacimba Nova ocorreu devido à persistência das primeiras rendeiras que trabalharam como domésticas na década de 70 a 80. Nos relatos de uma das interlocutoras, Tereza de Benguela durante muito tempo algumas dessas patroas faziam sua renda escondidas em seus quartos, para que elas não aprendessem. Mas mesmo assim, essas mulheres aprenderam observando entre as brechas das portas dos quartos de suas patroas. Quando aprenderam, repassaram às demais mulheres de Cacimba Nova, que conseguiram de certo modo uma autonomia a partir dessa produção artesanal.

2.2 CAMPO DE PESQUISA: A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CACIMBA NOVA:

As diferentes percepções de estudos sobre comunidades quilombolas foram sendo redefinidas ao longo da história. A primeira delas se refere ao quilombo como um processo de resistência cultural, que foi pautado ainda em 1905, tendo como expoente Nina Rodrigues, que caracterizou Palmares como uma reprodução dos modos de vida africanos no Brasil. Arruti (2008) aponta a segunda perspectiva, o quilombo é apontado como um processo de resistência política, sendo utilizado para pensar estruturas de classes, ganhando mais espaço nos estudos acadêmicos.

Posteriormente, o quilombo é reescrito pelo movimento negro de uma forma que se somam elementos culturais, raciais e políticos, dando a esse grupo um caráter de resistência negra. Com Abdias Nascimento, há uma busca pela história dos quilombos como um movimento também de resistência física e cultural, que se organizou como grupo desde o

processo de escravização. Nesse sentido, o quilombo passa a não mais ser visto como lugar de escravizados fugidos e, ao invés disso, o “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (Nascimento, 1980, p. 263, apud Arruti, 2008, p. 320).

As comunidades quilombolas vêm sendo estudadas amplamente. Sobre isso diz Arruti (2008, p. 316):

Os quilombos são tomados como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados.

Sendo assim, para Arruti (2008) essas comunidades se constituem como grupos étnicos que possuem seus traços substantivos, relacionados à sua territorialidade e seus laços de parentesco, que tomam orientações de reciprocidade entre si. A conceituação elencada foi construída ainda em 1994, pela Associação Brasileira de Antropologia, em retorno a uma demanda crescente para ações da Nova Constituição Federal.

Partimos, portanto, dessa percepção de que os quilombos são grupos étnicos que constroem suas relações, que se auto atribuem e elaboram suas identidades diante de seus contextos históricos de resistência política, social e cultural. Nesse sentido, a territorialidade passa a ser indissociável da identidade desses sujeitos, sendo a terra um elemento base de sua precondição, para além de algo físico. Para Leite (2012, p. 362) o território é “um direito cultural, relacionado à organização social e diretamente referido à herança (baseada no parentesco), à história (fundamentada na reciprocidade e na memória coletiva) e ao fenótipo, entendido como um princípio geral de identificação”.

Já na Constituição Federal de 1988 garante, no Art. 68 – ADCT, que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Em 2022, foi realizado o primeiro censo que demarca onde se localiza essa população, tendo atualmente um quantitativo de quilombos certificadas no estado da Paraíba 45 comunidades (IBGE, 2022).

A comunidade estudada se localiza no Cariri Paraibano, conhecido pelo vasto bioma Caatinga, que resiste a longos períodos de estiagem. Segundo o IBGE (2022), o Nordeste atualmente tem cerca de 53,4% da população quilombola do país, somando 89.350 mil pessoas. Na Paraíba se concentram 16,584 mil dessa população étnica, em sua maioria não estão em territórios demarcados.

O quilombo Cacimba Nova foi reconhecido em 2017 pela Fundação Cultural Palmares, órgão vinculado ao Ministério da Cultura criado em 22 de agosto de 1988 e responsável pela preservação cultural, histórica e social das comunidades negras. Contudo, seu processo de autoidentificação se deu muito antes disso, pois, desde a construção das primeiras casas na comunidade no século XIX, foi demarcado simbolicamente o lugar que ocupamos socialmente, mesmo que muitos ainda tenham conflitos com sua própria identidade. Nesse processo de reconhecimento institucional, alguns membros e principalmente as mulheres, foram as principais lideranças, e três das rendeiras que participaram da pesquisa estiveram à frente desse processo. Elas ocupam uma grande parte de organização da própria comunidade, criando a associação que atualmente organiza a vida comunitária em Cacimba Nova, estabelecendo desde que pesquisas que podem ser realizadas ou não dentro dela, até o gerenciamento de recursos que beneficiam a vida dos moradores.

Figura 1 - Comunidade reunida para entrega do certificado enviado pela Fundação Cultural Palmares:



Fonte: acervo pessoal, 2017.

No processo de reconhecimento, as mulheres organizaram todo o processo coletivamente, dividindo as tarefas entre si. Desde a coleta de assinatura, até as atividades de representatividade política, que passou a ser algo importante para a vida coletiva do grupo, independentemente da idade.

Figura 2 - Moradores da comunidade assinando a ata de autorreconhecimento enquanto quilombolas.



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Os cargos de liderança são voluntários, são ocupados através de votação entre seus membros, e têm sido em sua maioria, preenchidos por mulheres. São elas que organizam eventos de socialização e de datas comemorativas na comunidade, como: semana do 8 de março, atividades de final de ano, dia da consciência negra, e projetos que sejam voltados para o desenvolvimento da comunidade.

É possível citar, ainda, a busca mesmo que não tenham conseguido ainda pela construção de uma escola, programas voltados para alfabetização de adultos, construção de poços, e agora construção de casa para alguns moradores e também a construção do salão comunitário de recreação. Nele, os membros se encontram quinzenalmente para reuniões que organizam as demandas que se tem na comunidade.

Figura 3 - Data comemorativa no novembro negro com algumas rendeiras dançando samba de roda:



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

As pessoas que moram na comunidade organizam suas vidas de acordo com seus trabalhos, o que será mais aprofundado nos capítulos que seguem. As relações se dão a partir das trocas entre vizinhos e familiares de produtos comestíveis, até mesmo a ajuda em atividades básicas do cotidiano, dada a proximidade que se tem entre alguns. Um exemplo são os períodos mais chuvosos, nos quais a organização do trabalho se dá em forma de mutirões entre o núcleo familiar, em que todos que pertencem a ele contribuem dividindo as responsabilidades entre si. A partir, dessa percepção, existe uma rede de relações de reciprocidade entre os sujeitos do quilombo Cacimba Nova. Coube relacionar com o estudo realizado por Marcel Mauss (2003, p. 191), o qual retrata que é “preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma”. Nesse sentido a dádiva cria uma dependência de um sujeito para o outro, à medida que se cria uma obrigação moral de retribuir o que lhe foi dado.

Marcel Mauss (2003), observando as trocas em algumas sociedades em seu epígrafe do livro *Ensaio sobre a dádiva*, o poema do Havamál. Que trata das ideias de troca de presentes de uma pessoa para outra, e a sua não retribuição gera um desconforto entre eles. Mauss (2003) a partir disso, exemplifica que na Polinésia existem formas particulares de se retribuir a algo dado, a qual é presente a noção da *mana*, que envolve todo um emaranhado de

obrigações para retribuição de algo. Essa noção de retribuição é presente em outros grupos, como na Melanésia, com o *Potlatch*, que apresenta noção semelhante as demais, que envolveriam honra e prestígio a quem retribuir, e para aqueles que não o fazem, implicaria em consequências como a perda da sua *mana*. Em Samoa é presente também noções de trocas entre grupos familiares, nessas sociedades o presente quando se é recebido pelo grupo ou pessoa, implica em uma obrigação de retribuí-lo, e isso não se atribui somente a coisas materiais, mas espirituais, já que parte daquele sujeito é doado na troca de presentes. Assim, se pode associar as trocas existentes dentro do Quilombo Cacimba Nova, como ações de reciprocidades entre os moradores.

2.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho se propôs analisar a relação das rendeiras com a renda Renascença, com os seus objetos de criação. Para além disso, a própria percepção sobre como o corpo é utilizado no cotidiano, bem como o processo de aprendizagem e a simbologia que a renda assume para elas, estudando também essa atividade como forma de subsistência. Para tanto, utilizei uma abordagem etnográfica, empregando a técnica da observação direta. Com o suporte teórico para ajudar a compreender as especificidades presentes no cotidiano e na relação da produção com a técnica, priorizei as narrativas das mulheres que fazem parte do processo da criação artesanal da renda renascença. Essa perspectiva orientou a pesquisa de campo facilitada por ser membro da comunidade estudada, tendo crescido lá tendo saído apenas para adentrar na universidade na comunidade e meus pais e avós ainda viverem, facilitou a minha vivência com as rendeiras do quilombo Cacimba Nova no município de São João do Tigre – PB.

Antes da inserção no campo na condição de pesquisadora, segui algumas etapas exploratórias: a primeira delas foi a pesquisa de estudos relacionados à renda renascença no google acadêmico através de combinações como: renda renascença + ciências sociais + Cariri Paraibano, e renda renascença + antropologia. A revisão e leitura desses estudos serviram como base para o primeiro contato com trabalhos já realizados sobre a temática.

Também utilizei um guia com algumas perguntas norteadoras para as conversas com as rendeiras, como: Com quantos anos começou a fazer renda? Você ensinou alguém a fazer a renda? Que tipo de peça você faz? Suas filhas também produzem? Essas perguntas se voltaram a temas mais gerais, para incentivar o diálogo com elas, permeando a aprendizagem delas, o que sentiam quando finalizam as peças e assim sucessivamente. Porém, o diálogo

com elas se deu também de forma espontânea com aquelas que estiveram dispostas a partilharem suas vivências.

A proximidade que já tenho com o grupo estudado por ser moradora da mesma comunidade, para a observação e descrição de seu cotidiano facilitou o acesso ao grupo de mulheres que ainda produzem a renda. Com isso comecei a ir na casa de cada uma delas aos fins de semana. Geralmente ia a casa de duas mulheres por dia, na parte da tarde entre, já as 14:00 horas o horário é o mais propício de encontrá-las produzindo a renda. Fazia as visitas tendo um caderno de campo para fazer as anotações das falas das rendeiras, bem como as posições corporais que faziam para produzi-la. Assim, quando voltava da casa delas, transcrevia as falas e o que via do dia a dia delas para um diário de campo. Não utilizei gravador durante os diálogos com elas, quando sugeri foi preferível para elas deixar de lado esse recurso.

A escolha do método se deu pela proximidade existente com a comunidade e suas dinâmicas. Entendo que para utilizar ainda que minimamente da etnografia como fonte primordial para realização da pesquisa, é necessário que haja um vínculo de confiança entre pesquisador e a comunidade estudada. Isso me permitiu descrever suas dinâmicas de produção bem como a sua relação com seu objeto de criação com as demais rendeiras. Sabemos que cabe à pesquisadora, descrever o familiar com um olhar crítico, se despidendo de suas próprias crenças, costumes e hábitos nas suas descrições (Rocha e Eckert, 2008). O que não é algo possível de se fazer, já que a própria escolha do que se pesquisa é direcionada pelos gostos pessoais, assim como a vivência com o grupo com um tempo se cria laços as pessoas que contribuíram e partilharam suas histórias de vida.

Conforme apontado por Rocha e Eckert (2008, p. 3-4), "a pesquisa de campo etnográfico consiste em estudarmos o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para conhecer o Outro. A observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor".

A perspectiva da pesquisadora nativa se fez presente neste trabalho que está para além do pertencimento étnico com a comunidade. Em perspectiva parecida, Oliveira (2023, p. 2), cujas pesquisas também se voltam para uma etnografia no seu próprio grupo étnico, o Quilombo Cajá dos Negros, utiliza o seu pertencimento, para pesquisar seu próprio grupo sem um viés de "deslumbre no exotismo de uma perspectiva colonial". Concordo com Oliveira (2023, p.2) quando fala que, "para nós que temos uma relação de pertencimento com um grupo étnico, existe uma gama de sentimentos gerados a partir da particularidade de nossa identidade, de nossa memória". Isso me ajudou a perceber que esse distanciamento entre o

objeto e o pesquisador separando seus valores, torna-se impossível. À medida que estamos vivenciando a pesquisa criamos laços, e somos afetados por diversos sentimentos: satisfação, carinho, cansaço, tristeza entre outros.

Para a realização da pesquisa, foi de suma importância a construção de um caderno de campo que utilizava quando ia a casa das rendeiras e quando chegava em casa transcrevia tudo para o diário de campo, para manter uma organicidade, nas sistematizações das conversas e vivências com as rendeiras da comunidade. Em concordância com Mills (2009), a nossa construção do trabalho intelectual é associada às nossas vivências e experiências, e para isso precisa-se de um diário para uma reflexão sistemática. Sendo o cientista social um artesão que reúne suas experiências intelectuais à medida que também a experimenta como uma pessoa.

Partindo do princípio de que se deve, “aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la” (Mills, 2009, p. 21). Assim utilizei minhas próprias experiências como alguém que conhece o grupo e sabe produzir a renda mesmo estando no grupo das pessoas estigmatizadas, por não demonstrar interesse atualmente pelo ato de produzir a renda. Compreendo minimamente os seus processos de produção do início ao fim, assim como a relação de deslumbre que elas têm com suas peças, e quando a finalizam, pois já tinha um pré-conhecimento sobre seus gostos pelo que fazem, o que contribuiu para dialogar com os interesses delas. Portanto, busquei destrinchar os caminhos que enveredam o trabalho de campo em minha própria comunidade como pesquisadora nativa.

O período de observação direta no campo se deu entre os meses de fevereiro e maio de 2023, mesmo morando em Sumé temporariamente por conta da universidade, voltava a comunidade com frequência para a pesquisa. Porém, seguiram-se algumas etapas antes de começar a pesquisa. Em princípio, realizei um mapeamento da quantidade de mulheres que ainda estavam produzindo a renda, para isso consultei a minha mãe para identificar quais delas seriam as possíveis interlocutoras. Assim, montamos um quadro com o nome de todas que ainda produziam, para posteriormente começar o diálogo com elas. Depois disso, identificamos as que teriam interesse em participar, a partir de conversas esporádicas na casa delas, (inicialmente fui a casa de 8 mulheres). No entanto, seis concordaram em participar, e a partir disso, eu fui novamente à na casa das rendeiras para levar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que assinassem. E uma dessas seis rendeiras não consegui ir a sua casa para continuar a pesquisa com ela, devido à dificuldade de transporte, pois ela morava em uma parte mais distante da comunidade. Como eu não tinha como ir resolvi optar

pelas rendeiras que moravam mais perto de casa, sendo assim não deu tempo de conviver com o número de mulheres desejado.

Nesse sentido, cinco mulheres contribuíram diretamente com a pesquisa. As conversas se desenrolaram inicialmente com as rendeiras que moravam mais perto da casa dos meus pais. Fui na casa de cada uma das rendeiras que consegui falar previamente sobre o que estava pesquisando, e no meu interesse que elas participassem da pesquisa. Para assim, fazer um recorte maior sobre quantas delas estariam dispostas a abrirem seus espaços privados para que se iniciasse a pesquisa.

O fato de já conhecer todas contribuiu para identificar previamente quem teria mais interesse em contribuir, e as que ainda continuavam fazendo a renda. No caso das duas que não concordaram em participar, afirmaram que sentiam receio de falarem sobre sua vida, outras só não se sentem à vontade para que outras pessoas leiam sobre elas, tendo em vista que as suas práticas cotidianas com a renda seriam evidenciadas ao longo da pesquisa. As que concordaram em participar no primeiro encontro mostraram entusiasmo. Desde o primeiro momento, já foi possível compreender minimamente a importância da renda para elas. A abertura de falarem sobre as diversas coisas, sobre elas mesmas, família, e seu trabalho se deu mais rápido do que esperava. Algumas das conversas não se davam somente enquanto elas faziam a renda, mas também no espaço da cozinha, onde muitas vezes parávamos para tomar um café, e era ali que saiu uma boa parte dos resultados desta pesquisa.

O meu próprio contato com uma boa parte delas não era longo, mas com algumas eu conversava por horas e depois me encaminhava para a casa de outra rendeira. Nas casas que eram mais afastadas, era necessário ir de moto, antes que escurecesse, assim não prolongava as minhas conversas por mais de duas horas.

Quando fui nas primeiras vezes, o diálogo era mais travado, fiquei sem saber como iniciar as conversas, algumas vezes ficava tudo silencioso e eu apenas observava como elas se debruçavam sobre o que faziam, quando furavam o dedo com suas agulhas e xingavam, quando esticavam suas costas, entre outros movimentos. De vez em quando eu recorria às perguntas que tinha elaborado no roteiro, que serviu como apoio nessas primeiras conversas com elas, pois não sabia bem como iniciar o diálogo, mesmo as conhecendo.

Na segunda vez que fui com o caderno de campo consegui mais informações, os diálogos fluíram mais rápido. Falávamos sobre coisas básicas do dia a dia, família, como estava a vida, etc. Na maioria das vezes que estive com elas estavam com sua renda no colo produzindo. Como sabiam do que se tratava a pesquisa quando eu chegava, algumas vezes

elas mesmas direcionavam as conversas para falarem da renda, como aprenderam, quais pontos gostavam de produzir.

Em relação às rendeiras com quem tinha menos contato, resolvi levar minha mãe, Antonieta⁶, a qual mantém contato com todos os membros da comunidade, sendo ela uma das lideranças que compõe a associação desde o seu processo de criação e rendeira antes de se aventurar na docência. Antonieta, já fora professora dos filhos de algumas rendeiras e também de algumas pessoas da comunidade, quando lecionava para os adultos. Também foi a pessoa que me ensinou a ler e a fazer renda. Essa relação dela com as rendeiras contribuiu principalmente com as mais antigas para facilitar o diálogo com elas, já que algumas são mais fechadas. Portanto, considerei astuto levá-la quando fui a casa dessa rendeira que eu não tinha muita proximidade. O que deu certo, as conversas começaram a fluir mais com as interlocutoras. Depois disso, não foi mais necessário que ela me acompanhasse a essa casa.

Em um certo momento houve a frustração, pois esperava um quantitativo maior de rendeiras para se dispor a participar da pesquisa. Porém, na mesma proporção que algumas se recusaram a participar, as demais se empolgaram com o que estava sendo proposto pois, de alguma forma, acabaria dando uma certa visibilidade ao trabalho delas e a comunidade. Essas cinco mulheres que acompanhei partilharam não somente seus espaços privados, mas também histórias de vida, gostos, percepções da realidade, e experiências para a contribuição da realização deste estudo.

As rendeiras que contribuíram foram: Tereza de Benguela tem 76 anos, viúva mãe de 8 filhos e irmã de Acotirene, e tia de Nísia, que também participaram da pesquisa, Teresa é uma antiga louceira e produtora de renda renascença da comunidade. Tereza tem o histórico de ter ensinado a várias outras mulheres, atualmente aposentada como agricultora e vive sozinha em sua casa. Sua produção de renda é mais voltada para toalhas de 1 metro brancas e bejes, sendo membro da associação.

Margarida, é uma rendeira de 52 anos de idade viúva, mãe de três filhos e recentemente avó. Uma liderança conhecida, participou ativamente do processo de certificação do quilombo Cacimba Nova. Atualmente também é aposentada, porém, ainda assim, passa seus dias produzindo renda colorida, geralmente peças pequenas e de mais fácil comercialização como brincos e vestidos pequenos, ex-presidenta da associação comunitária.

⁶ A escolha por esse nome fictício, advém da alusão a Antonieta de Barros, filha de ex escravizados que foi uma professora que se dedicou a alfabetizar crianças e adultos.

Frida é casada e passa seus dias dividindo-se entre as atividades domésticas e o seu ofício que é a produção de grandes toalhas de até três metros de renda renascença, majoritariamente branca, junto de sua filha mais nova e sua mãe. Ela atualmente fiscaliza as ações desenvolvidas pelas lideranças dentro da associação, foi uma figura importante dentro da comunidade para o processo de certificação.

Acotirene é uma senhora de 68⁷ anos, mãe de 10 filhos. Não é considerada uma das lideranças, porém sempre respeitada pelos membros da comunidade por ser mais velha. Apesar de ser aposentada como agricultora, continua criando caprinos e vacas, além de ser artesã e produzir renda branca com toalhas menores, de até 1 metro de comprimento, também faz parte da associação da comunidade.

Nísia, de 40 anos, é mãe de dois filhos. Foi uma das primeiras mulheres a contribuir para criação da organização comunitária do Quilombo, atualmente também fiscaliza as ações desenvolvidas pela direção da associação, trabalha para confecções de costura e produz renda renascença branca e colorido nas raras vezes em que surgem encomendas de peças pequenas.

2.3.1 Desafios de pesquisar o familiar

Essa pesquisa se deu com sentimentos conflitantes, tanto de angústia quando algumas delas não aceitaram participar, quanto de satisfação com as demais que tanto contribuíram com este trabalho. E isso acaba também gerando receios. Me perguntava o que eu poderia falar sobre elas, como eu falaria, e se de alguma forma não estaria expondo demais a vida de cada uma. Isso gerou um dilema, especialmente comum entre pesquisadores que analisam seu próprio contexto. Além disso, também enfrentei dificuldades para problematizar alguns dos aspectos cotidiano, que nos passam despercebidos, já que para nós são especificidades naturalizadas. Gilberto Velho (1978), estudando o ambiente urbano, em que vivia, constata que estar familiarizado com o que estamos pesquisando não significa necessariamente que conhecemos tudo de nossa sociedade. Apesar de que muitos costumes e regras passarem despercebidas, devemos “estranhar o familiar”, sendo o ato de enxergar elementos do cotidiano de nossa realidade que fomos socializados. Gilberto Velho (1978, p.131), exemplifica que isso nos torna possível “quando somos capazes de confrontar

⁷ Sua idade é um tanto incerta, porém ela se baseia na idade de suas irmãs para definir a sua, algo muito comum na comunidade entre as pessoas mais velhas, pois muitos deles foram registrados quando já eram crianças e outros quando iam se casar.

intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações”.

Os primeiros desafios de se pesquisar em “casa”, devido à relação de proximidade sanguínea e afetiva com algumas das rendeiras, fez com que houvesse um receio entre a facilidade do diálogo. Mas também, até que ponto a pesquisadora nativa é influenciada pela partilha de valores entre seu grupo durante a realização da pesquisa?

O que ficou perceptível é que há uma certa dificuldade de separação, já que a própria iniciativa de estudar a comunidade ocorreu por já ter feito a renda e pelos laços de confiança pré estabelecidos com elas. A influência pelos próprios gostos e temas que o estudo acabou se direcionando, a dissociação de nossas percepções e memória afetiva. Porém, questionamentos como esses foram superados para alguns autores como Dona Haraway (1995) diante de uma posição de estudos feministas, analisa sobre a pregação de uma objetividade. A autora nos explica como essa ideia foi amplamente pregada nas ciências que desconsidera “os sentimentos de subjetividade e atuação histórica coletiva e nossas versões corporificadas da verdade” (Haraway, 1995, p.13). Sendo assim, esse estudo nos mostra que a subjetividade, também está presente nas nossas escolhas de pesquisa e interesses levando em consideração as teorias estudadas, que foram relacionadas ao longo do processo.

3 A CADA PONTO UMA HISTÓRIA: APRENDIZAGEM COLETIVA E INDIVIDUAL DAS RENDEIRAS

Este capítulo abordará a perspectiva das mulheres rendeiras de Cacimba Nova sobre suas trajetórias e vivência de aprendizagem. Esse campo vem sendo estudado amplamente por diferentes áreas do conhecimento. Tratarei especificamente de alguns estudos realizados nesta perspectiva, buscando descrever os processos de aprendizagem de cada uma delas à medida que o diálogo foi se desenvolvendo, o que ocasionalmente se transformou na discussão que segue.

Primeiramente, apresentarei o aporte teórico utilizado para contribuir nas análises dos processos de aprendizagem, como: Jean Lave (2015), que se debruça sobre os emaranhados das práticas cotidianas e o aprendizado; Ingold (2010) com a explicação do desenvolvimento de habilidades como forma de aprendizagem e Pierrot (2015), definindo processos de aprendizagem para além do formal.

Em sequência, análise se volta para a aprendizagem das rendeiras. Mais especificamente, tratarei dos processos de engajamento e de desenvolvimento das habilidades com a renda de cada uma das mulheres da comunidade, que também se relacionam com a necessidade financeira. Tais processos se assemelham a outros contextos antropológicos de aprendizagem, como: Julia Brussi (2015), que retrata uma etnografia acerca da produção de renda de bilro entre algumas mulheres do Ceará; João Sautchuk (2009), com a percepção dos processos de repetição de habilidades e também do *habitus* no universo do repente, Carlos Emanuel Sautchuk (2015), que retrata esse processo a partir do desenvolvimento de habilidades distinguindo o aprendizado entre formal e informal, e Bustos e Gutiérrez (2015), que analisam o bordado como uma atividade realizada no espaço doméstico tendo como interlocutoras figuras femininas. Essas perspectivas irão contribuir para analisar os contextos das rendeiras de Cacimba Nova.

Coube destacar a própria técnica empregada nas relações entre objetos de criação e rendeira, que está associado as técnicas utilizadas por elas durante sua produção. E por fim, foi dado destaque às que não desenvolveram suas habilidades com a renda renascença e como suas imagens se configuram para as demais rendeiras, sendo consideradas *outsiders*. A partir dessa partilha das interlocutoras, foi possível entender como foi o desenvolvimento das habilidades de cada rendeira, bem como as suas memórias relacionadas ao seu aprendizado, seja ele monitorado ou, como elas mesmas se orgulham de ressaltar, do ato de “aprender sozinha”.

3.1 TECENDO A TEORIA

Pierrot (2015, p.60) aponta que a aprendizagem foi, por muito tempo, uma questão intrigante na perspectiva antropológica e compreendida como algo não inato. O autor vai apontar três níveis distintos de hierarquização do saber: um deles é o institucional. O segundo é em nível intermediário que se dá nas interações entre os sujeitos que acabam estabelecendo também relações dentro do âmbito do institucional. E o mais “profundo”, que vai transformar o sujeito, que também está relacionado ao intercâmbio entre pessoas do mesmo grupo ou de diferentes tem um significado social.

Ingold (2010) discute a transmissão de modos pelos quais os seres humanos participam da cultura. O autor critica a abordagem da ciência cognitiva, que tem como percepção de que o conhecimento se dá na forma de conteúdo mental. Nessa perspectiva, a cultura acaba sendo repassada de geração em geração, como se o indivíduo fosse um processador, que apenas recebe o conhecimento. Para a ciência cognitivista, existem capacidades inatas e competências adquiridas. Ingold (2010) contrapõe apontando que a aprendizagem se dá também de outras formas, a partir do desenvolvimento do *skill* que são as habilidades práticas que cada indivíduo desenvolve em diferentes contextos. À medida que ele interage com o mundo, essa interação permite o desenvolvimento de uma *skill*, que seria um conjunto de habilidades que cada indivíduo adquire. O que se distingue das capacidades inatas que se refere a determinadas capacidades já incutidas nos indivíduos desde seu nascimento.

Uma perspectiva similar foi abordada por Jean Lave (2015), que discute uma concepção de aprendizagem fora dos parâmetros tradicionais de ensino e relacionada à cultura. A Jean Lave (2015, p.38), destaca que as primeiras abordagens sobre a aprendizagem se deram a partir da psicologia cognitiva, que a trata como “resultado da missão da escola realizar a transmissão cultural”. Sendo considerado como conhecimento aquilo que é transmitido por essa instituição, a autora se contrapõe investigando a aprendizagem como prática social, realizada por aprendizes no processo de engajamento interativo. A cultura também produz aprendizagem e a aprendizagem produz cultura. Assim, o “aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo” (Lave, 2015, p.41).

Jean Lave (2015), traz a percepção acerca da aprendizagem que se dá pelas vias cotidianas de engajamento e práticas em diferentes contextos. E não apenas pela ótica de uma aprendizagem convencional, para além do espaço educacional. A autora levanta o questionamento de como essas práticas moldam e são moldadas nos diversos contextos

cotidianos, em que a aprendizagem atravessa os aspectos da vida assim como a sua investigação. De acordo com a autora, os estudos sobre a aprendizagem e vida cotidiana, são indissociáveis de um fazer etnográfico.

Assim, entendo a aprendizagem como um processo contínuo entre os sujeitos, que se dá para além de uma educação formal, ocorrendo também a aprendizagem nas práticas cotidianas. À medida que interagimos com o mundo aprendemos e desenvolvemos habilidades sobre algo. A seguir, trarei a percepção das rendeiras de Cacimba Nova sobre os contextos de aprendizagem e também a sua perpetuação, já que a maioria delas contribuiu para o aprendizado de suas filhas e netas no universo da renda.

3.2 FORMAS DE APRENDIZAGEM

A produção de renda entre as mulheres da Comunidade se dá ainda na infância, conforme apontado por elas durante a realização da pesquisa. A partir desses relatos, foi possível compreender suas dinâmicas de aprendizagem.

Algo parecido com a renda renascença acontece com a renda de bilros, com a aprendizagem ainda na infância, com influência dos familiares. Brussi (2015), trata do processo criativo das rendeiras de Canaan (Trairi – CE), que se dá em algumas etapas: que se inicia com as brincadeiras ainda na infância, entre os 4 e 12 anos, a manipulação dos instrumentos e a coordenação dos gestos. Depois passam a treinar em moldes para se adaptarem e, aos poucos, passam a aprender a executar apenas os pontos básicos como o trocado, a trança e o pano. Após esse processo, se rompe com a ideia do brincar e passa a ser uma atividade séria para as meninas, quando começam a finalizar a renda. A aprendizagem é um processo contínuo para elas, dada a diferenciação em cada molde.

Brussi (2015) comenta que a motivação para aprender a fazer a renda vem da necessidade de complementar a renda familiar. O ambiente de aprendizagem da renda encontra-se nas suas próprias casas. Diante das alterações que aconteceram ao longo do tempo, relacionadas à melhoria da vida econômica das rendeiras, o processo de aprendizado das meninas na renda foi postergado. As mães priorizam a educação das filhas na escola para depois iniciarem a aprendizagem no bilro.

Na comunidade de Cacimba Nova, o processo se dá de forma similar; as mães priorizam a educação escolar dos filhos, dependendo do “interesse da criança”, porém não são todas. Algumas veem a educação como uma obrigação. Já no aprendizado da renda, o tempo que as meninas dedicam à aprendizagem, não é considerado como um empecilho pelas mães,

mas a falta de habilidades é. Estas têm a paciência de ensinar, tanto a suas filhas como a parentes próximos, mas, quando não têm tanta habilidade com a renda, essas meninas acabam indo trabalhar em fabricos de costura, sendo uma atividade que engloba ambos os gêneros, diferentemente da renda renascença. Já na adolescência, as que são estudantes param de produzir a renda, ou ainda a fazem esporadicamente, pois muitas estudam em tempo integral. Esse modelo de escola foi comentado com muita insatisfação, tanto pelas mães quanto pelas filhas, devido à falta de estrutura da escola para comportar os alunos, que afeta também o trabalho que muitos destes realizavam antes como a produção da renda e a costura

Lave e Wenger (1999, apud Brussi, 2015, p.80), afirmam que a aprendizagem é “situada vinculada à prática”. Em vez do aprendiz ser visto como passivo na ação, uma esponja que absorve o que lhe é ensinado, é o inverso disso. Ele é um sujeito ativo na ação que “demanda engajamento, empenho e criatividade”, o que também faz parte da vida ordinária de quem a constitui. Nesse sentido se percebe alguém mentoreando os passos iniciais na aprendizagem com a renda, à medida que aprendem umas com as outras, elas estão em constante movimento de prática, e quando suas habilidades se tornam lapidadas ensinam outras mulheres, tornando-as ativas nos processos de aprendizagem desenvolvendo habilidades práticas com a renda.

Algumas das rendeiras de Cacimba nova abordaram o tema do “aprender sozinha”, mesmo tendo sido monitoradas inicialmente. ou recebendo dicas. Algumas delas afirmam que aprenderam apenas observando outras rendeiras, não se distanciando do universo examinado por Jean Lave (2015). A “aprendizagem informal” é pontuada como uma forma de aprender, para além da percepção formal, em que é necessária uma pessoa lhe transmitindo algo.

Tereza de Benguela representa uma figura importante por ser uma das mais antigas, porém ela tem uma característica, de viver mais reclusa em sua casa. Ela ensinou a maioria das mulheres da comunidade a fazer renda, mesmo que elas insistam em dizer que aprenderam sozinhas: “eu ensinei a elas quase tudo, mas elas gostam de dizer que aprenderam só, ninguém aprende tudo assim do nada, é preciso ter alguém, dizendo o que é que tem que fazer”. A imagem abaixo mostra os movimentos hábeis de suas mãos na produção da renda. Na comunidade, as mulheres que produzem rápido são consideradas habilidosas no ofício mostrando também sua experiência com os movimentos com a agulha e linha até formarem um ponto.

Figura 4 - Rendeira Tereza de Benguela tecendo



Fonte: acervo pessoal. 29/05/2023

Em Cacimba Nova, a técnica de tecer a renda é apreendida ainda na infância. O processo de aprendizagem do ato de rendar se inicia com as orientações das mães ou com mulheres que tenham algum vínculo de parentesco com a aprendiz: primeiro observando os movimentos repetitivos de mãos sobre o artesanato, para depois ir aos poucos iniciando a repetição dos mesmos movimentos. A nomenclatura de cada ponto é ensinada à medida que ele vai sendo executado. Desta forma, também é apreendida uma linguagem própria, que engloba, entre outros elementos, os pontos empregados na construção do artesanato. A rendeira Nísia foi uma das mulheres que contribuíram para criação da associação da comunidade, relata que seu processo de aprendizagem se deu com sua mãe: “eu aprendi olhando mãe fazer, ela fazia e eu olhava, aí num aprendi tudo só. Sabe? Quando ela estava sem paciência, mãe (a avó) me ensinava aí assim fui aprendendo”. (Entrevista com Nísia, 02/05/2023).

3.3 PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO CAMPO DAS RELAÇÕES FAMILIARES DA COMUNIDADE

A comunidade Cacimba Nova inicialmente foi fundada por uma única família, Elisbão, e posteriormente se dividiu para mais uma, a família Paulo. A partir dos casamentos e expansão dos laços consanguíneos, todas as pessoas que compõem hoje a comunidade são descendentes dessa primeira. Os casamentos inicialmente eram feitos de forma poligâmica: várias irmãs moravam na mesma casa, partilhando o mesmo marido. Mas, desde a década de XX, isso não é visto com aceitação entre o grupo. A comunidade passou a ser constituída com os membros da mesma família, sendo permitido o casamento entre primos, o que se tornou o mais comum.

Porém, não retrato esses vínculos de forma amena e tranquila. Como todo espaço familiar e coletivo, essas relações também se dão a partir do conflito. Muitas dessas mulheres e homens que vivem na comunidade têm alguns tipos de conflitos familiares uns com os outros, irmãs que não se dão bem e evitam se falar, casos de violência doméstica, traição, entre outros que não entram nas perspectivas das mulheres retratadas aqui. A unidade doméstica é formada por diferentes configurações, geralmente composta por mães e filhos, mãe, pai e filhos/ padrasto etc. O casamento acontece entre ambos os sexos a partir dos 15 anos, não é algo que acontece em todas as famílias, mas acaba sendo recorrente, geralmente com pessoas que tenham consigo algum laço de parentesco. Alguns se casam e constroem suas casas ao lado do lar de seus pais, que é o mais comum. E quando esses pais envelhecem passam a morar todos na mesma casa. Porém, esses mesmos grupos familiares acabam transitando entre esses lares, mesmo tendo seus próprios espaços após o casamento.

Nesse sentido, todos os membros possuem algum vínculo familiar seja por parentesco, ou por casamento independente se é da família da mãe ou do pai, já que todos partilham algum nível de consanguinidade dentro da comunidade. A maioria das mulheres aprenderam a fazer a renda com mães, tias, madrinhas, avós ou irmãs já que todas têm alguma relação. Assim, a forma como se dá a organização de parentesco na comunidade permite a existência de uma rede ampla de mulheres que atuam nos processos de aprendizagem das noviças. A produção dela se dá também no âmbito doméstico e familiar. Partindo do princípio de uma aprendizagem na esfera familiar, Alejandra Elenes et.al (2001, apud Bustos e Gutiérrez, 2015, p. 285), afirmam que, no universo do bordado, acontece algo parecido. As autoras abordam o conceito de “solidariedade” dentro dos coletivos de mulheres que aprendem a ser parte de um grupo, à medida que convivem cotidianamente. O bordado é um ofício cujo aprendizado está

relacionado ao cotidiano de quem o pratica e das pessoas com quem compartilham seus modos de fazer e o cuidado mútuo. A produção de bordado se inicia nas práticas cotidianas no ambiente doméstico entre mães, filhos e filhas, que inicialmente foi estabelecido por mulheres de classe média.

Em perspectiva parecida, Bustos e Gutiérrez (2015), descrevem a aprendizagem do bordado em Cartago, no Valle de Cauca, a partir do argumento da existência de dimensões constitutivas; a aprendizagem se dá no âmbito doméstico e cotidiano entre as mulheres que fazem o bordado, analisando a dimensão dos espaços de aprendizagem entre a experimentação e a criação⁸.

A aprendizagem, para as rendeiras de Cacimba Nova foi algo constantemente lembrado durante as conversas, indicando algo que marcou a vida delas, tendo acontecido de formas diferentes. Algumas das rendeiras destacam seus primeiros contatos no âmbito familiar, marcado sempre por alguém que deu as primeiras instruções, conforme apontado também por Brussi (2015), em que a aprendizagem se dá de forma gradual, tendo na maioria dos casos alguém que oriente sendo experiente durante todo o processo.

Acotirene, conta que seu contato inicialmente se deu pela necessidade de auto sustento do seu grupo familiar. Ainda com seus 10 anos, nossa interlocutora conta que os pontos iniciais foram ensinados por Angélica, antiga rendeira da comunidade, já falecida. Relata que aprendeu os pontos básicos com ela. A partir desse ponto inicial pôde formar diversos outros com uma gama de nomes e variações. Suas primeiras tentativas foram supervisionadas. Posteriormente, conta que aprendeu o resto sozinha, à medida que se dedicava a olhar outras rendeiras fazendo, e tentava fazer o mesmo em um travesseiro, e restos de linha que sobrava de outras, até pegar prática e começar a fazer para que outras rendeiras pudessem pagar a ela. Enquanto fazia a renda, também ensinava a suas filhas: “fazia, e elas ficavam olhando e iam tentando fazer igual...tinha vez que era tão feio..., mas elas aprenderam assim, mostrava como era, e depois elas faziam, elas tinham o travesseiro delas, sabe. Aí elas faziam enquanto eu ia fazendo o meu”.

Dentro da comunidade lembro-me de diversas vezes ouvir histórias das mulheres sobre as duas rendeiras que começaram a disseminar a renda na comunidade: uma delas já foi retratada nas falas da interlocutora Tereza de Benguela e outra, também já falecida, chamada Judite, porém essa não ensinou outras mulheres, apenas a primeira.

⁸ Esse tipo de socialização ocorre também no caso da poesia, especialmente entre meninos como demonstrado no estudo intitulado *A poética do Improviso: prática e habilidade no repente nordestino* João Sautchuk (2009).

Destaco ainda o aprendizado de Acotirene, que afirma que continua a fazer a renda mesmo com seus 68 anos. Ensinou suas filhas e às netas. Em relato lembrando quando iniciou a sua aprendizagem com a renda, suas irmãs também faziam com ela, e posteriormente suas filhas: “quando eu comecei a fazer num tinha energia, era na luz do candeeiro, fazia para os outros, depois foi pra mim. Minhas filhas faziam também, eu fazia um pedaço e elas outros... e assim terminava e vendia em Jataúba”⁹. Esse fazer para os outros quer dizer que ela faz para os outros significa fazer peças sob encomenda e para si mesma para vender e não para usar, a maioria dessas mulheres não tem peças de renda em sua casa para o seu uso pessoal.

Notando nesse relato a importância do primeiro contato e como sua inserção com o ofício, apesar das dificuldades enfrentadas por ela, vale ressaltar a estima dessa atividade para essas mulheres e como ela também é algo que é repassada de mãe para filha, e assim sucessivamente, criando uma teia contínua do ofício, a partir das relações de consanguíneas.

A aprendizagem se dá de forma afetiva, e não somente mercantil. No contexto do bordado descrito por Bustos e Gutiérrez (2015), essa é uma característica que se deu pela produção ser realizada majoritariamente por mulheres de classes mais privilegiada em Cartago, Valle del Cauca. O fazem como uma atividade de cuidado típica da mulher pura e recatada o que gera uma forma de pertencimento a essa classe. Em seu processo não só exercitavam a melhoria de seus bordados, como também a disciplinar seus corpos e mente. À medida que se aperfeiçoavam, faziam encontros com outras mulheres para que partilhassem suas técnicas, conselhos e assuntos relacionados a suas vidas. Assim, trocando suas habilidades umas com as outras, também compartilhavam acontecimentos da vida cotidiana, sua saúde e casamento, reforçando um lado coletivo do bordado. A partir das crises enfrentadas na região, essas mulheres passam a ensinar outras de classes menos privilegiadas, afetando a forma de aprendizagem, já que este se tornará agora uma aprendizagem com fins econômicos, e não mais como terapêutico e de cuidado para as mulheres de classe média que posteriormente abrangeu as classes populares.

Podemos identificar diante desse relato que a aprendizagem além de se dar no espaço doméstico entre mulheres, o que se distingue entre o estudo de Bustos e Gutiérrez (2015) com as mulheres de Cacimba Nova além dos aspectos geográficos, são os marcadores de classe e

⁹ A energia elétrica foi um fator importante para a vida dos sujeitos que vivem na comunidade, tendo em vista, que só passou a ser de fato utilizado a partir de 2006, até então todos os ofícios e trabalhos realizados na comunidade principalmente o das mulheres eram realizados à luz de vela ou do candeeiro, o que gerava um desgaste na visão de quem o fazia, já que era necessário um esforço maior na tentativa de enxergar os pontos que estavam sendo feitos, além da problemática acerca das cores.

de pertencimento étnico como quilombolas. Ademais, durante a troca de saberes e técnicas umas com as outras acontece diariamente que muitas rendeiras da comunidade também socializam suas experiências de vida, problemas familiares e fofocas, assim criando uma relação afetiva com quem a produz, já que estas são relações também no campo familiar entre os membros desse grupo de rendeiras.

3.4 ENTRE A RENDA E A TÉCNICA:

O ato de rendar se dá inicialmente por pontos básicos, para posteriormente começar a produzir em moldes desenhados e alinhavados. Começam por um travesseiro pequeno com apenas a agulha e a linha; e, posteriormente, quando os pontos começam a ter forma, a mãe ou a pessoa que está a instruindo começa a utilizar mais recursos. O lace e o risco com desenhos mais rústicos e improvisados são utilizados para a criança ir se familiarizando com os procedimentos de construção da renda. Não são todas que conseguem aprender todos os pontos. Porém, pedem para outras que tenham essas habilidades para ajudarem em troca de fazerem outro ponto que ela também não saiba ou por novelos de linha, estabelecendo um valor de acordo com a cor da peça, geralmente branca.

Figura 5 - Aplicando o lacê sobre o risco



Fonte: acervo pessoal, 2023

Frida, assim como as demais rendeiras, aprendeu ainda na infância quando tinha seus 12 anos de idade, com o intuito de ajudar o seu núcleo familiar. Ela relatou que suas irmãs a ajudaram e lhe ensinaram. Ainda hoje faz a renda junto de sua mãe já idosa e de sua filha de 17 anos. Relembrando o primeiro novelo que fez sozinha, junto de minha mãe Antonieta, conta que comprou um vestido verde com o dinheiro do novelo feito, que usava para ir a todas

as ocasiões: “tinha uns 12 quando comecei, tive que fazer porque não tinha outro jeito, tinha que ajudar mãe, eu e as outras duas (referindo-se às irmãs mais velhas)”.

A aprendizagem na renda renasce se dá de maneira semelhante à do bordado: inicialmente os aprendizes reproduzem pontos junto de alguém com habilidade, cuja transmissão do conhecimento é realizada de forma tácita, a qual se aprende os pontos a partir dos movimentos da agulha à medida que entra no pano. Esse exercício se dá pela observação dos movimentos da bordadeira mais experiente, e posteriormente repeti-los de forma extensiva. Esses processos de repetição fazem parte da aprendizagem. Dentro desta perspectiva, a autora Rose (1998), destaca que:

Nosso aprendizado do bordado nesses ambientes tem nos permitido construir vínculos cognitivos, sensoriais e emocionais com o conhecimento artesanal e com o processo de pesquisa. A tessitura desses vínculos tem sido norteadada pelas perspectivas feministas que marcam nosso trabalho, entendendo a partir daí que a mão, o coração e o cérebro constroem o conhecimento (Rose, 1983, apud Bustos e Gutiérrez, 2015, p. 297)¹⁰.

Nesse sentido, a aprendizagem com a renda se dá de forma similar com a do bordado quando retrata a construção de vínculos emocionais com a renda. Nesse processo criativo as autoras aprenderam com as bordadeiras e suas práticas, à medida que ambas refletiam sobre as dimensões tanto coletivas quanto individuais dessa atividade. As autoras abordam a construção de vínculos cognitivos com o que elas estavam fazendo e, quando não conseguiam fazer alguns movimentos com as mãos, traziam consigo um sentimento de angústia. Porém, também havia um sentimento de satisfação quando conseguiam, criando assim laços afetivos com suas próprias peças, “os vínculos também aparecem no compartilhamento do cotidiano, na empatia com as frustrações do processo de aprendizagem e com as sensações mais mundanas no contato com as materialidades, como quando os dedos doem porque os fios os maltratam”¹¹ (Bustos e Gutiérrez, 2015, p.299).

Compreendendo as seguintes etapas na aprendizagem das rendeiras do ato de brincar até a atividade mais séria o tornando de fato um ofício de lucro, o intervalo de tempo varia da habilidade de cada rendeira. Um fator determinante para aceleração do processo é o estímulo em gerar alguma renda monetária para si mesmas e para o grupo familiar. O processo de passagem entre a brincadeira e o fazer para gerar um lucro depende da habilidade que cada pessoa desenvolve.

¹⁰ Tradução minha.

¹¹ Tradução minha.

Quando iniciei meu processo de aprendizagem, tinha 9 anos. Comecei porque achava bonito o estalar da linha na agulha enquanto minha mãe fazia sentada no chão da porta de casa com o travesseiro no colo e, às vezes, à luz do candeeiro, e continuei porque era uma forma de passar mais tempo com ela. Ela dividia o tempo entre estudar, trabalhar e ser mãe de três filhos. Nesse processo, quando um erro meu era repetido várias vezes, havia um endurecimento na postura dela para comigo. Ao contrário de mim, com as outras mulheres que aprenderam com ela, houve uma rapidez maior conforme minha mãe as orientava, pois já tinham uma necessidade de conseguir as próprias coisas e ajudar a complementar a renda familiar. Ou seja, o que vai definir essa passagem, do brincar para algo sério são habilidades que cada uma desenvolve bem como a necessidade. Era algo muito comum que todas as meninas aprendessem a fazer renda na infância. Atualmente não é algo tão recorrente, com as novas formas de trabalho que se inseriram na comunidade, como a produção têxtil realizada em fabricos de costura. A atividade já foi lucrativa, e nos dias atuais não é vista da mesma forma.

Segundo os relatos dos moradores mais antigos, recordo-me de alguns que retratavam um período difícil, no qual alguns tinham pouco o que comer, utilizavam o xiquexique como forma de alimento durante o período da seca. Relatos como esses ficam apenas na memória dos moradores. Muitos trabalhavam em troca de comida ou de ajudas para criar os filhos aqueles que tinham, ou ajudar em casa. A renda, para muitas rendeiras da comunidade, foi a forma de fugir dessa realidade. Atualmente, a maioria das pessoas possuem algum tipo de trabalho, seja pelas vias de contratos temporários pela prefeitura da cidade, realizando serviços de limpeza ou atuando na educação ou na saúde, ou na renda renascença, agricultura, aposentadoria e costura. A maioria das pessoas da comunidade, para além dessas formas de trabalho, dependem de políticas sociais como o Bolsa Família para complementar a renda familiar.

A renda se torna aqui um mecanismo de passagem, similar à concepção de Turner (1974). O autor destaca que, nos ritos de passagem, os sujeitos dentro de um determinado grupo passam por um processo de transição de status, ou função. Característica da transição entre a infância e a vida adulta, o processo de aprendizagem da renda configura-se então como um estado de liminaridade. Em Cacimba Nova, as meninas ainda na infância iniciam seu aprendizado como brincadeira, como destacado anteriormente, e à posteriori, passam a realizar a atividade de forma séria e geradora de renda familiar. Essa mudança de posição que elas estavam passam a ser destituídas. As atividades fora do ambiente da casa passam a ser

mais regradas pois, à medida que essas habilidades são desenvolvidas e aperfeiçoadas, seu status muda perante a família e a comunidade: há um acréscimo de responsabilidades a ela.

Esses ritos estão envoltos nas práticas cotidianas de aprendizagem com a renda renascença ainda na infância, porém não somente isso, essa relação se dá também no campo da técnica. Diante disso, cabe destacar os processos de aprendizado de cada rendeira diante da relação entre o seu ofício e sua técnica. Assim como no estudo realizado por Sautchuk (2009), porém no universo do repente, foi possível compreender a partir das entrevistas as habilidades poéticas foram desenvolvidas na experiência prática. Nesse sentido cabe destacar que:

(...) um processo de aprendizado é também um processo de construção dos sujeitos, pois, para além do desenvolvimento de conhecimentos e capacidades específicas, implica na participação crescente em comunidades de praticantes (no caso da cantoria, de uma arte e de uma profissão). (Pelissier, 1991, 90, apud Sautchuk, 2009, p 70-71)

Compreendendo assim, o aprendizado como processo que constrói não só o conhecimento, mas também os sujeitos ativos na ação prática, também se enquadrando nos moldes da produção de renda. Uma etapa na aprendizagem da renda primeiro é a observação de outras mais experientes e depois a repetição dos gestos até “pegar prática”. João Sautchuk (2005), destaca também a imitação como uma ferramenta de aprendizagem. No repente, se dá na assimilação das fórmulas e composição poética, para o cantador depois passar a cantar com seus mestres que lhe ensinaram, e posteriormente começam a fazer suas canções, sendo incentivados ainda na infância pelos pais, passando inicialmente nesse sentido, são ouvidos, familiarização e depois se incorpora os ritmos poéticos. Já na produção da renda renascença o processo se dá pelas brincadeiras com a primeira travesseira e pela observação, para posteriormente partir para a repetição dos gestos, observando quem já tem experiência com a renda.

Marcel Mauss (2003), em *As técnicas do corpo*, destaca a forma como os indivíduos se expressam nos seus grupos utilizando seu corpo, e como eles se servem dele. O autor destaca o *habitus* como fator importante que todos têm, mas que variam de acordo com a sociedade, educação, moda, e ambiente em que indivíduos estão inseridos. Para observar esse *habitus*, é necessário ver as técnicas coletivas e individuais nas suas repetições, pois “o indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros” (ibidem, 2003, p.405). No processo de aprendizagem das rendeiras, também ocorre a assimilação de técnicas empregadas em seus objetos de criação, que se constituem também como parte de seus corpos. Essas técnicas são incorporadas a partir de vários

movimentos repetitivos em cada ponto criado, que perpassa a própria produção em relação com a produção das outras.

Nesse sentido, entendemos a imitação dos pontos básicos realizados pelas rendeiras como elemento fundamental no processo de assimilação da prática. Podemos relacionar à pesquisa de Mauss (2003), que destaca o ato de imitar, condicionado também pela aprendizagem, a partir do estudo da forma de andar das mulheres Mori, na Nova Zelândia. O modo como elas se mexiam enquanto andavam era um hábito adquirido e ensinado pelas mães chamado de *onioi*. Caracterizado por um balançado diferente, essa prática era algo admirado entre seus pares. A falta de prática dessas jovens quando andavam eram recriminadas, pois essa forma de andar destacada pelo teórico não era natural, mas sim algo adquirido e ensinado a elas, percebendo que todos esses elementos podem compor os modos de agir, gesticular e também no andar das mulheres mori associados a uma técnica do corpo. Essas técnicas estão presentes, sendo elas habituais ou não no nosso cotidiano que percorreram a história da sociedade e dos indivíduos. A maior parte dessas técnicas nos são ensinadas ou impostas por autoridades para rendeiras principalmente as mães

Ingold (2010) argumenta que a aprendizagem também se dá a partir da “premissa básica é que a cognoscibilidade humana está baseada não em alguma combinação de capacidades inatas e competências adquiridas, mas em habilidade”, o que ele chama de *skill*. De acordo com o autor, esse processo acontece, pois o “movimento corporal de praticante é, ao mesmo, tempo, um *movimento de atenção*; porque ele, olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha” (Ingold, 2010, p.18).

Nesse contexto, adaptando para a forma como as mulheres se relacionam com a renda, é cabível destacar que no processo de aprendizagem delas, o corpo acaba sendo também utilizado como parte do desenvolvimento de habilidades práticas. Algumas dessas rendeiras apontaram o “aprender sozinha”, ou “olhando outras fazendo”, mesmo que tenham tido algumas orientações quando iniciaram. De acordo com Ingold (2010, p.18), “quanto mais habilidoso for o praticante, menor é a necessidade de ‘elaboração’: assim, o que diferencia o especialista do relativamente iniciante não é a complexidade ou a escala de elaboração de seus planos ou representações, mas até onde ele pode prescindir disso”. Ou seja, quanto mais habilidade uma rendeira consegue desenvolver fazendo-se também do seu corpo, menos necessidade ela terá de uma orientação de outra pessoa sobre o processo de aprendizagem com a renda renascença.

Carlos Sautchuk (2017, p. 11), que aponta que, dentro da perspectiva antropológica, a técnica se refere “a uma forma de relação dos humanos com algo que, em alguma medida,

difere deles mesmos – objetos, animais, ambientes ou o próprio corpo considerado como uma dimensão híbrida”, ou em sentido amplo associando-a, como uma relação que contempla tanto objetos, quanto seres humanos, que têm finalidades de significância para os seres envolvidos com esses elementos.

Adequando esse estudo à realidade das rendeiras, percebi ao longo da vivência e diálogos com elas a habilidade de cada rendeira empregada nos seus objetos de criação. Desde o seu processo de aprendizado até a internalização da habilidade com a agulha, sua prática é marcada por repetições nos pontos por elas realizados, bem como a própria mudança de postura enquanto produzem a renda. Os objetos não são apenas artefatos ou peças criadas, também passam a ser parte delas.

Diante dessa perspectiva reacional entre mulheres e seus objetos de criação que se configuram como parte de si, cabe destacar o marcador de gênero definido nessa linha argumentativa, conforme os relatos seguintes que serão pontuados. Margarida expressa uma forte identidade com a comunidade, é conhecida como uma liderança ativa¹². Ela nos conta que seu início com o ofício se deu pela busca de independência financeira, assim como ocorre com as demais rendeiras, pela necessidade, o que depois passou a ser uma atividade de complementar a renda familiar. Seu processo de aprendizagem também se deu observando outras rendeiras, enquanto trabalhavam. Apesar disso, relata que não conseguiu aprender todos os pontos, como as outras sabiam, já que só tinha visto elas fazendo só os pontos básicos:

Aprendi quando tinha 7 anos. Via as mulheres tudo por aqui fazendo eu achava bonito né... e queria fazer igual também, aí comecei a ver ela e fiz um travesseiro bem pequenininho desse tamanho... [gesticulou para me mostrar o tamanho de seu travesseiro] Aí comecei, mas quando pai vinha eu escutava de longe por causa da bengala que ele usava, aí um dia eu joguei dentro da plantação de algodão dele, para ele não ver que eu fazia né.... (Margarida,2023)

Essa história relatada por Margarida é uma exceção, pois seu pai era contra a sua aprendizagem com a renda, isso não é algo comum na comunidade, já que esse é um trabalho majoritariamente produzido por mulheres. O pai não queria que ela produzisse para ter tempo de realizar as atividades domésticas e estudar. Sua mãe sabia que ela estava tentando aprender quando iniciou produzindo por encomenda por novelo de linha, e quando adulta fazia a renda para comercializá-la.

Há um demarcador de gênero na produção de renda na comunidade amplamente presente. Os homens participam apenas da finalização, quando é necessário desgrudar do

¹² É conhecida como ex presidente da associação da comunidade, e por suas atuações no processo de reconhecimento da comunidade pela Fundação Cultural Palmares - FCP.

risco todo o molde envolto por pontos e lacê. De resto, evitam a associação com a produção da renda. Alguns trabalham com a agricultura, que é o mais comum, assim como costura, docência e cargos públicos que acontecem em casos raros. Sua interferência com a renda é pouca, pois é considerada na comunidade como algo feminino, que pode ser associado também à percepção da atividade realizada no espaço privado.

A renda renascença por muito tempo foi uma atividade crucial como atividade de lucro na vida das mulheres. Na comunidade, são amplamente incentivadas a continuarem fazendo, porém, atualmente, os pais priorizam a educação dos filhos acima das atividades voltadas para o trabalho, sendo comum que as filhas iniciem o trabalho com a renda renascença, e os que não tem habilidades, se envolvam em outras atividades voltadas para a costura que acabam tendo um valorativo mercantil muito maior que a renda renascença.

Diferente da rendeira anterior, Tereza de Benguela relata que seu processo se deu com o apoio da família para aprender a fazer a renda. Uma das rendeiras mais antigas da comunidade, é também conhecida por ser uma antiga louceira. Aprendeu pela necessidade de ajudar a sua família, junto de suas duas irmãs, sendo a mais velha entre elas. Relata que: “eu aprendi¹³, depois ensinei a elas né, mas também não sabia muita coisa não, aí fui fazendo, fazendo até aprender, aí elas ficavam olhando e também”. A produção de louça era realizada por algumas mulheres da comunidade, Tereza de Benguela foi uma delas. Aprendeu o ofício com sua mãe. Porém, quando conheceu a renda renascença, a demanda das panelas que ela fazia já não era grande e acabou sendo mais rentável buscar outra opção.

Mesmo tendo abandonado a profissão de louceira, ela continua fazendo suas panelas para uso próprio ou doar para suas amigas mais próximas. A imagem abaixo mostra uma de suas panelas, feitas há apenas alguns anos, uma vez ao ano ela costuma fazer para guardar:

¹³ As rendeiras mais antigas aprenderam com Angélica uma das primeiras da comunidade.

Figura 6 - Louça produzida pela rendeira Tereza de Benguela



Fonte: Acervo pessoal 20/05/2023.

3.4.1 O estigma sobre as que não tecem

As rendeiras da comunidade repassam seu ofício para suas filhas, netas e assim sucessivamente. No entanto, algumas delas, apesar das tentativas de incentivo a produzir a renda, não tiveram sucesso. As rendeiras associam a falta de habilidade no manuseio da agulha como falta de interesse, ou o que elas nomeiam como “jeito”. Quando não se tem o jeito de fazer a renda, não adianta insistir. Frida, ao falar sobre as tentativas sem sucesso de ensinar a sua filha mais nova, ressaltou que: “é preguiçosa mulher, quer fazer nada disso não. Tentei ensinar, mãe tentou, mas toda vez ficava feio, ou ela desistia e queria ir fazer outras coisas. Num tem o jeito de fazer, aí desistimos quando vimos que ela num tinha jeito”. A falta de habilidade passa a ser questionada pelas mães quando tentam ensinar suas filhas e não conseguem, aderindo a elas qualidades morais como preguiçosa ou desinteressadas.

Para isso observo essas circunstâncias como um estigma criado para designar esse pequeno grupo de pessoas. Goffman (2004, p.4) fala que a sociedade categoriza os indivíduos a partir de atributos considerados normais, de acordo com as exigências do grupo, é uma “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. A partir dessas percepções o estigma assume traços que podem ser percebidos no indivíduo, uma característica que se difere do que é previsto socialmente.

A partir dessa percepção de estigma abordada por Goffman (2004) pude relacionar como isso se aplica as rendeiras, já que a necessidade de se desenvolver habilidades para

produzir a renda renascença é considerado algo normal. E quando não conseguem acabam fugindo da ordem comum e esperada pelo grupo, como foi perceptível nas falas da interlocutora, surge um estigma.

Diante dessa percepção da relação entre a internalização por meio da interação social, traduzido para a produção de renda, a falta de habilidades da filha em relação aos gestos e dinâmica que é criado para produzir a renda com seus minuciosos detalhes, nesse sentido a “falta de jeito” pode ser compreendido como a não incorporação dessas habilidades, apesar dos esforços da mãe para com a filha nas tentativas de introduzi-la também no ofício, pontuando a filha mais velha com mais habilidades e destreza. Em relato similar (Matos, 2001 *apud* Brussi, 2015, p. 82.), quando aborda os variados interesses das meninas que optam por algo mais simples em suas peças, e no universo sobre do trabalho com o barro, a justificativas em relação ao abandono relacionando a “eles não levam jeito”. Assim como a rendeira relatou sobre uma de suas filhas.

3.5 AMARRANDO OS PONTOS

As mulheres, no seu processo de construção enquanto rendeiras, não são sujeitas passivas nessas ações, tendo alguém que não está somente as ensinando a copiar algo. Sendo iniciado com as brincadeiras ainda na infância para algumas que se engajaram a aprender. À medida que elas veem outras pessoas que têm alguma relação ou laços consanguíneos com elas fazendo, e ao mesmo tempo que elas também brincam. Conforme apontado pela autora Jean Lave (2015, p.40), “os aprendizes são indivíduos, mas eles não são somente isso. Eles estão engajados em práticas cotidianas em múltiplos contextos, praticando em diferentes modos uns com os outros”. Compreendendo assim, elas também constroem - se no processo e também criam uma relação uma com as outras enquanto aprendem.

Os espaços que essas mulheres aprenderam, em sua maioria foi na casa, mesmo que algumas delas não a façam com tanta frequência como na sua juventude, elas ainda guardam as memórias sobre como se deu sua inserção com renda renascença, no espaço da casa. Considerando que a renda renascença ainda está associada predominantemente a uma atividade feminina que é realizada no espaço doméstico privado. A renda passou a ser uma importante fonte monetária para as famílias. O mesmo acontece nos relatos de Margarida, Tereza de Benguela, Frida e Acotirene, mesmo que a renda não seja tão valiosa em termos financeiros, ela contribui como forma de complemento no orçamento da família.

4 SIMBOLOGIAS DA RENDA

Este capítulo propõe analisar a relação simbólica que as rendeiras quilombolas de Cacimba Nova têm com a renda renascença. Essa relação perpassa a representação do trabalho, como forma de: 1) gerar autonomia financeira para a família; 2) constituir-se como atividade fundamental do seu cotidiano e 3) composição da divisão sexual do trabalho, presente no seu contexto de vida. Esses elementos são atravessados pela sua identidade étnica. Os processos simbólicos relacionados à renda também compreendem uma relação afetiva, pois entendem a aprendizagem de algo que poderiam vender como uma de suas conquistas.

A representação que as rendeiras fazem da renda está além da relação econômica e trabalhista. Neste capítulo, abordarei como ela se insere num espaço de sociabilidade e construção de memórias coletivas e no vínculo delas com suas peças, que perpassa o vínculo tanto as questões estéticas como as formas de sentir, agir e pensar com o próprio corpo.

Para isso, no primeiro momento, desenvolvemos o aporte teórico utilizado para fundamentar as análises acerca da produção de renda em Cacimba Nova. Pontuando bibliografias sobre símbolo, corpo e trabalho, adaptamos esse debate para a realidade de uma comunidade tradicional. Em seguida, analisamos as falas das rendeiras que enfocam a dimensão do trabalho com a renda renascença, como forma de gerar autonomia financeira inicial, assim como os primeiros indícios de afetividade que tiveram com a renda. Em seguida, falaremos do prazer estético que sentem ao finalizarem suas peças, que também passam a ser parte de suas memórias e vivências, para as quais empregam partes do seu corpo, à medida que investem sua energia, sentimentos e dores na produção de renda renascença.

4.1 TECENDO A TEORIA

Leslie White (2009, p.9), define o simbolizar como “a capacidade de originar, definir e atribuir significados, de forma livre e arbitrária, a coisas e acontecimentos no mundo externo, bem como compreender esses significados”. Algo se torna simbólico, de acordo com os significados atribuídos pelos seres humanos. Para um dado grupo indígena (*Pueblo*) por ele retratado, uma pedra pode ser considerada algo místico como fonte de poderes sobrenaturais, enquanto para outra pessoa poderia ser apenas um minério. Ou seja, cada grupo ou pessoa atribui significados diferentes para os objetos, de acordo com sua capacidade de compreensão sobre algo. Para Leslie White (2009, p. 15) o símbolo é dividido em duas nuances: “um significado e uma estrutura física”, referindo-se a objetos que transmitem significados. Sendo

essa característica exclusiva aos seres humanos de criarem e atribuírem símbolos a algo, outras espécies podem entender os sinais, mas não os criar. Dados os devidos contextos, essa perspectiva se assemelha à de Geertz (2008, p.67 a 68), que afirma que o símbolo “é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção é o significado do símbolo”.

Já em estudo sobre os Ndembu, Turner (2005) analisa os rituais presentes em sua sociedade. O autor percebeu que o símbolo é compreendido como a “menor unidade” do ritual observado em atividades, gestos, eventos e situações. O autor destaca que: “os símbolos estão essencialmente envolvidos com o processo social” (Turner, 2005, p.49). A partir disso, ele analisa os dois (símbolo e ritual) não separadamente, mas como uma ação social com interesse e propósito humano dentro de suas próprias dinâmicas. Assim, os símbolos passam a ser vistos não apenas como um meio para realizar o ritual, mas como valores que fazem parte do todo do ritual, “são considerados fins em si mesmos” (Turner, 2005, 50).

Para Turner (2005, p. 59), esses significados entre esse povo específico sobre a aceção da árvore são associados a algo sensorial que: “concentram-se aqueles *significata* dos quais se pode esperar que suscitam desejos e sentimentos; no polo ideológico, encontramos um arranjo de normas e valores que guiam e controlam as pessoas, enquanto membros de grupos e categoriais sociais”.

Em perspectiva relacional, a produção da renda tem um conjunto de simbologias são compartilhadas com quem a faz, as atribuições de significados para cada interlocutora, criando laços afetivos, dando-lhes um propósito para continuarem suas produções conforme será explicado posteriormente. Assim, os significados da renda renascença permeiam o campo simbólico, já que elas atribuem a sua atividade diária sua afetividade, valores, desejos, e o próprio trabalho se tornando um meio de organizar a vida na comunidade de Cacimba Nova, para essas mulheres.

4.1.1 Antropologia e sociologia do trabalho

Na perspectiva antropológica, o trabalho se dá de forma abrangente em diferentes sistemas organizacionais. Kesküla e Marins (2022) estudam como esse conjunto de atividades é visto em diferentes abordagens teóricas. Para as autoras, o trabalho perpassa um meio de sobrevivência e, em alguns casos, ele traz consigo um sentimento de satisfação. Em algumas sociedades antigas, como na Grécia, o trabalho era visto como um prestígio, e no puritanismo como algo que glorificava o indivíduo que está a serviço de Deus. Por outro lado, as autoras

destacam que Malinowski apresenta o trabalho com a terra nas Ilhas Trobriand, que traz consigo a crítica ao *homo economicus*. Em suma, consistia na tese de que os trobriandeses gastavam sua energia em trabalhos com as lavouras ligados a seu prestígio social do cuidado com a aparência da terra. Assim, essa atividade remete não aos desejos de satisfação das necessidades, mas a um dever que eles teriam de crenças, tradições e vaidade.

Nessa perspectiva Keskülo e Marins (2022) abordam que o trabalho não simboliza apenas um meio para sobrevivência, como expressa o caso estudado por Malinowski. De forma semelhante, no quilombo Cacimba Nova, cada família se organiza em torno de suas atividades seja na produção de renda, ou em outro ofício, não sendo somente um elemento de produzir suas próprias subsistências.

Algumas referências sobre a relação quilombola com o trabalho especificam a existência de trocas entre o grupo. Assim indicam os estudos de Plínio dos Santos (2013), e Sousa (2014), que retrataram como as comunidades se estruturam em torno de atividades desenvolvidas no âmbito das relações de parentesco no campo.

Plínio dos Santos (2013), em estudo sobre a vida de uma líder sindical quilombola no Piauí, destaca as formas de organização da comunidade, bem como a valorização dela. A organização do trabalho se dava com a agricultura familiar, a terra que vivem lhes é transmitida de uma geração para outra, sendo constituída sua organização de parentesco por trocas matrimoniais. Destacando os processos migratórios que se fez presente na realidade de seus componentes, principalmente na vida de sua interlocutora, posteriormente na luta pela visibilidade da comunidade. É perceptível, que assim como os demais membros do grupo, ela foi inserida desde cedo tanto nas atividades de casa quanto no trabalho com a terra.

Para Plínio dos Santos (2013, p.48), “a comunidade Tapuio, durante muitos anos, teve que forjar suas alianças com alguns proprietários de fazendas ou sitiantes vizinhos, que se caracterizam pelas relações de trabalho e parentesco, destacando-se o trabalho na roça”. A agricultura é apontada para o autor como um elemento de significância para subsistência dessa comunidade, que enfrentou por um determinado período problemas com os descendentes dos fazendeiros escravocratas que dominam a política local da região. Os quais apenas contribuem com assistência para comunidade apenas o utilizavam como “currais eleitorais e mão de obra barata para as famílias” (Plínio dos Santos, 2013, p. 49).

Já Sousa (2014), com o intuito de averiguar estratégias criadas por comunidades quilombolas rurais no Pará, reconhece uma forte presença do campesinato nesses locais, mesmo com a agricultura familiar passando por transformações. Algumas delas focam na produção da mandioca e no cultivo do milho, tendo outras alternativas como a pesca e a caça

como forma de complementar a alimentação dos membros do grupo familiar. Sua organização ainda se dá no trabalho de artesanatos com a “cerâmica refratária que traz em si a história, os sonhos e a identidade de um povo. Assim como as manifestações culturais e a organização social e política” (Sousa, 2014, p.7). Porém, enfrentam problemas de baixa produtividade e comercialização de seus produtos agrícolas. As comunidades África e Laranjituba, organizam-se em grupos familiares para prepararem a terra para o plantio, apontando que:

As comunidades ainda utilizam o mutirão para realizar as atividades agrícolas, principalmente os referentes ao preparo de área e plantio, ficando o beneficiamento mais a cargo do grupo familiar ou outras pessoas próximas, com as quais geralmente fazem a troca de dias. A produção de cerâmicas obedece a uma escala de revezamento, e a renda obtida com a comercialização é dividida proporcional aos dias de trabalho e as tarefas executadas por cada um. (Sousa, 2014, p.9)

Em estudo sobre comunidades tradicionais na região amazônica, William Souza (2020) notou que seus modos de vida se caracterizavam pela formação de identidade com o campesinato, e também de resistência, que mantém “laços de mutualidade” entre si. Nesses, não se sente a necessidade de exploração uns pelos outros, como é imposto dentro de sistema capitalista, algo que se distancia dessa realidade entre as comunidades que ele analisou, que elas vivem em relação de conciliação com a terra, assim como suas formas de produzirem.

Nesse sentido, Sousa (2020, p. 126) aponta que “o camponês quer melhorar de vida, mas não sente a necessidade de explorar os demais trabalhadores. Aquilo que seria racional para o liberalismo econômico nem sempre o é para as sociedades camponesas”.

No Quilombo Cacimba Nova acontece uma similaridade entre esse modo de vida destacado pelos autores, e a conciliação do seu cotidiano com o território em que residem nas trocas que acontecem dentro do próprio grupo citado no capítulo anterior.

Por isso, cabe destacar a percepção, dentro dessa comunidade quilombola estudada, de que o corpo é também um elemento que constitui uma ferramenta importante para o trabalho que desenvolvem diariamente. Por isso coube destacar os questionamentos seguintes acerca de como o corpo se constitui na sociedade.

4.1.2 Antropologia do corpo

Citro (2010) indaga a relação que o corpo tem sobre as experiências sensoriais, trazendo consigo reflexões acerca da construção histórica da Antropologia do corpo. As primeiras menções relacionadas ao estudo das corporeidades são associadas à filosofia de Platão, Sócrates e, na década de 30, renasce com Marcel Mauss, com as técnicas corporais.

Até então, havia uma forte crença na oposição de dois mundos conduzida pelas ideias de Platão, um do espírito no mundo das ideias, e o outro dos fenômenos sensíveis. Já em Aristóteles essa separação tenta ser superada, com a proposta de que a matéria e a alma estariam juntas. Outras percepções sobre o corpo foram desenvolvidas, uma delas foi a do corpo – máquina, que se consolidou com o avanço do sistema capitalista, tendo como expoente dessa perspectiva Karl Marx. Nesse sentido, o corpo se converte em ferramenta para o trabalho que se separa do seu próprio ser humano.

A autora apontou Norbert Elias como fundamental para entender na modernidade a própria representação do corpo na vida cotidiana, que ocorreu primeiro na elite para diferenciação entre as classes populares daquela sociedade. A partir do controle das necessidades os corpos se restringiram aos espaços privados. O conjunto de autocontrole passou a ser valorizado, o que porventura se estabeleceu nas oposições entre “mente/corpo, razão/emoção, cultura/natureza, abstrato/concreto, teórico/empírico”. (Citro, 2010, p. 31)

Nesse sentido, Citro (2010) aponta que a corporeidade não se dissocia da política, dos quais muitas vezes se tornam objetos, buscando explicar que “ações corporificadas significativas que envolvem disposições ou hábitos (na forma de uma memória cultural corporificada), que podem, no entanto, operar ativa e criativamente na redefinição das condições atuais de existência intersubjetiva”¹⁴ (Citro, 2010, p. 55).

Para Els Lagrou (2009), quando analisa os aspectos artísticos entre diferentes povos, percebe que entre os ameríndios, a percepção que eles têm sobre seu corpo se distingue das demais percepções, definindo-o como:

Um dos aspectos principais da concepção ameríndia sobre a corporalidade, que concebe o corpo como fabricado pelos pais e pela comunidade e não como uma entidade biológica que cresce automaticamente seguindo uma forma predefinida pela herança genética, ganha deste modo um relevo todo especial. (Els Lagrou, 2009, p. 38)

O corpo também simboliza um elemento de manipulação incumbido de tradições e técnicas. Para Mauss (2003, p. 407):

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos" desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la.

¹⁴ Tradução minha.

Em Marcel Mauss (2003) o corpo é visto como instrumento, em que os indivíduos se servem dele, que acaba variando entre os diferentes grupos sociais. A partir disso, ele analisa as técnicas do corpo para explicar que cada sociedade tem um *habitus* próprio, que se constroem nos processos educativos sobre os atos corporais. O teórico propõe quatro divisões no conjunto de técnicas corporais. A primeira refere-se às técnicas do parto que se diferenciam em cada sociedade. O segundo relaciona-se com as técnicas da infância: que se destacam os modos como são carregados os bebês e os processos de amamentação. O terceiro: associa-se à adolescência e seus processos de transição e iniciação. E por fim, o quarto, as técnicas da idade adulta: que se assegura de demonstrar como as atividades que exerciam com seus corpos se modificaram ao longo de sua trajetória, a partir da análise de atividades do cotidiano como dormir, modos de comer, reprodução, cuidados básicos com o corpo, entre outros.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO NO QUILOMBO CACIMBA NOVA

O trabalho na comunidade é iniciado desde a infância pois todos do grupo doméstico participam de alguma atividade. Os homens são socializados para o trabalho fora do espaço da casa, o cuidado com animais como caprinos, vacas e com a terra ajudando os pais produzindo milho, feijão e verduras, ou em trabalhos considerados mais leves, como a costura. Já as meninas com renda, somadas às atividades domésticas, e também costura, enquanto os meninos e meninas não estão na escola. Os adultos se voltam de forma mais intensa para a produção de roupas, que inicia suas atividades às 7:30 e dependendo da demanda até as 9 da noite. Acordam cedo para cuidar dos animais, ou em costura dependendo do grupo familiar. Enquanto as mulheres, tem o cuidado com a casa e com os filhos, posterior a isso se detém ao trabalho com a renda, ou à costura em fabricos ou em casa. Em muitos casos as mulheres ainda somam a sua rotina diária os cuidados com outras pessoas da família caso eles precisem, sendo um acréscimo às suas muitas atribuições cotidianas.

Hirata (2007, p 599), conceitua a existência da divisão sexual do trabalho como algo que “decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um ator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos”. Em suma, está ligado ao direcionamento de associar o homem à esfera produtiva e a mulher à reprodutiva, exercendo funções menos prestigiadas. Para autora há dois princípios, o de separação nos quais há trabalhos para homens e outros são designados para mulheres. E o segundo que se refere a uma hierarquia pelo qual o trabalho masculino vale mais que o feminino. A autora pontua a

necessidade de ir além dessa conceituação afirmando que há novas configurações, e em outro âmbito à proporção que cresce o número de mulheres nos espaços de ensino superior na mesma proporção em situações de precariedade.

A autora traz a ideia de vínculo social entre a complementaridade dos papéis entre os sexos, que divide diferentes modalidades de emprego para designar o trabalho doméstico e o profissional (Hidrata, 2007). Enquanto o papel feminino é associado a atividades domésticas, e ao homem o papel de provedor. Nesse sentido, a autora utiliza a definição de conciliação e de delegação para apontar um meio que as mulheres encontram para equilibrar as atividades da vida familiar e as carreiras profissionais.

Essa divisão é complexificada quando olhamos para a confecção da renda, Alves e Cunha (2010) discutem o fato de o trabalho reprodutivo e o trabalho artesanal (produtivo) serem realizados no espaço da casa, tendo uma certa autonomia entre os horários e os ritmos em que determinada peça deve ser produzida. Sendo exercidos principalmente por artesãs e costureiras realizados concomitantemente por mulheres devido às suas atividades no espaço da casa, que já são associadas como um lugar de tarefas domésticas.

Em Cacimba Nova acontece o mesmo. As mulheres conciliam as atividades domésticas e o cuidado com filhos quando os têm, e o trabalho com a renda que acaba sendo o trabalho produtivo no mesmo espaço da casa. Além, das demais atribuições que se somam ao seu cotidiano como o cuidado com seus pais em alguns casos.

Algo similar pode ser visto na pesquisa de Rosana Silva (2018), que retrata as relações de trabalho das mulheres quilombolas de Lagoinha, do município de Serra Branca – PB, tendo como foco a produção de louças de barro. As atividades voltadas para o trabalho são a base do cotidiano das pessoas que vivem na comunidade, como forma de fortalecer os vínculos entre seus membros. Sendo as mulheres as primeiras a acordarem para exercerem diversas outras tarefas de cuidado com o lar e fora dele, criam estratégias para inserir o grupo familiar no trabalho como forma de sanar problemas de ordem financeira. Elas estão localizadas como as chefes dos seus lares em alguns casos, bem como nos espaços de liderança dentro da organicidade da comunidade em que vivem. Conforme aponta Silva (2018, p. 65):

Para se compreender sobre as dinâmicas de poder e gênero das mulheres negras e quilombolas, são necessárias diferentes categorias de análise que permitam perceber as especificidades destas relações e as negociações nelas envolvidas. Numa comunidade quilombola, os lugares de poder são negociados e consentidos, e são neles que a mulher negra assume a sua força e a liderança comunitária. Seus saberes e fazeres se articulam nas práticas e enfrentamentos que são necessários para que se mantenham nos espaços que conquistaram.

Rosana Silva (2018) notou ainda que a produção de louças era entendida como uma alternativa de sobrevivência do grupo familiar dessas mulheres, que são apontadas pela autora como guardiãs das memórias das tradições da comunidade, louceiras e lideranças.

Essa pauta não se distancia da realidade das rendeiras de Cacimba Nova, cujos espaços de socialização e rede de relações são construídos dentro da comunidade, e suas vidas são voltadas para as atividades de trabalho. Tais atividades são voltadas tanto para renda renascença como em outras atividades desde sua infância, os espaços de poder de Cacimba Nova são distribuídos entre as mulheres de diferentes gerações, e em alguns casos aos homens mais jovens.

Nesse sentido, Silva (2018) identifica que esse espaço da casa e fora dela é ocupado por ambos os sexos dependendo da composição do grupo familiar, como forma de manutenção do próprio grupo. Porém ainda há exceções nas tarefas domésticas majoritariamente destinadas às mulheres, que ainda sim, são as provedoras da família.

4.2.1 Trabalho que gera autonomia

No Brasil, Lélia Gonzalez (2020, p. 33), aponta o trabalho das mulheres negras na sociedade arcando com os meios de subsistência dos membros de sua família. Seu trabalho foi “decuplicado”, se dividindo entre as obrigações na casa dos patrões e para com seu núcleo. Entre as atribuições no cotidiano das mulheres negras Lélia Gonzalez (2020, p. 33) destaca os seguintes:

Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar às três ou quatro horas da madrugada para “adiantar os serviços caseiros” e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente.

Adaptando para a realidade de uma comunidade étnica no campo, as mulheres de Cacimba Nova passam a ter atribuições não só com sua casa, mas também fora dela, com atividades que contribuem com a subsistência de seu grupo. Sabendo que são realizadas no espaço da casa entre essas mulheres Tereza de Benguela, Frida, Acotirene, Nísia e Margarida. Todas elas só começam a produzir a renda após a realização das suas atribuições domésticas, como o caso de Frida, que acorda geralmente por volta das 5 da manhã e, para caminhar, acorda as filhas para irem à escola. E posterior a isso, inicia as atividades voltadas para organização da casa, tais como cozinhar, lavar, passar e limpar. Somente após a realização

dessas tarefas, começam a produzir a renda e só param à noite. Algumas vezes, ao longo da semana, sua rotina se volta a outras atividades de cuidado na casa de sua mãe. Assim, percebe-se como a rede de relações de parentesco também orientam as atividades, mesmo que as filhas não tenham necessariamente que ajudarem suas mães quando saem de casa.

Esse tipo de relação entre as atividades domésticas e o trabalho remunerado, como ambos realizados no espaço doméstico, vem sendo analisado amplamente, conforme Alves e Cunha (2010), que retratam essa atividade existente na configuração do país desde o século XVI e XVII. Em seu início, os trabalhos artesanais eram realizados dentro do espaço doméstico, principalmente em unidades camponesas. É descrito por elas que eram criadas oficinas de trabalho dentro das próprias casas. Nesses ambientes, era comum o envolvimento da família como um todo nessas atividades, sendo uma importante atividade econômica para as mulheres.

A partir da análise documental do estudo de Marvin Harris, as autoras Alves e Cunha (2010) destacam os processos ligados às relações de gênero e o trabalho em torno de comunidades tradicionais durante a implantação da industrialização no Brasil. Os espaços de trabalho se confundiam com a moradia das famílias, onde as mulheres, filhas e filhos realizavam as atividades voltadas para o trabalho. Assim como a renda renascença a aprendizagem pela experimentação também se dava no próprio local de trabalho, a casa. A atividade doméstica dessas mulheres era uma jornada intensa, somadas às atividades do trabalho produtivo realizado neste espaço. Assim como na renda renascença, esse espaço produtivo e reprodutivo se confunde, à medida que ambas são realizadas no espaço privado de suas vidas contando com o auxílio de suas filhas. Apesar de ser uma atividade realizada por mulheres, ela se configura como algo extremamente importante para complementar a renda familiar.

No caso das mulheres de Cacimba Nova, o trabalho para elas está no âmbito da esfera produtiva e reprodutiva conforme termo utilizado por Hirata (2007), havendo uma conciliação entre seus parceiros quando se trata da divisão de tarefas relacionadas ao trabalho, já elas constituem uma parcela importante dessa comunidade e que garantem a organização e o sustento familiar. Assim, a renda renascença passa a ser um complemento para o sustento das famílias, que se soma as finanças junto de outras fontes como programas sociais, aposentadoria e outras formas de trabalhos já citadas.

Silva (2019) aponta que há espaços menos demarcados de atividades voltadas para o trabalho que são realizados por algumas mulheres, tanto no espaço da casa quanto fora dele no seu campo de pesquisa. Alguns desses são o trabalho com o cultivo na agricultura, o

cuidado com os animais, entre outros, que têm como base a realização entre os membros independente do sexo, porém quando somadas as atividades, em sua maioria, se concentra no trabalho das mulheres. Nesse sentido, é pontuando a importância dessas ocupações, como fundamentais para a própria relação que os membros da comunidade têm entre si.

Em Cacimba Nova, atividades fora do espaço doméstico como o trabalho com a agricultura, geralmente são realizadas em mutirão pelos membros de cada grupo familiar, desde a preparação da terra para o cultivo até a colheita. Tendo a participação de ambos os sexos, porém quando se trata de atividades voltadas para o cuidado com lar, o mais recorrente é a predominância feminina nesse espaço, sendo elas em sua maioria que chefiam seus lares.

O suporte financeiro que a renda obteve para cada uma delas também tem uma vinculação afetiva. Conforme relato de Acotirene: “Criei minhas filhas sabe, com o dinheiro que consegui da renda, ajudei em casa a mãe. Foi com ele que consegui minhas coisas, quase tudo que tenho aqui foi graças a ele, minha casa, minha cama, até umas cabras que eu tinha”.

Diante desse relato se percebe o trabalho produtivo realizado por Acotirene, à *priori* como forma de contribuir na subsistência do seu núcleo familiar, e posteriormente a construir seus próprios meios de suporte. Ou até mesmo no caso de Frida cujo primeiro dinheiro recebido em seus ofício foi destinado a um vestido, e depois disso foi para ajudar sua mãe a comprar comida e sustentar a casa:

Ajudei em casa, era o jeito eu num ia deixar mãe fazer tudo. Aí todas nós ajudamos trabalhando também... Fiz minha casa toda com dinheiro de renascença, eu fazia empréstimo e depois ia lá trabalhando e pagando o banco.... Tive minhas duas filhas e criei elas do mesmo jeito, com o dinheiro da renascença, e sobrevivo com ele até hoje, mas eu também vendo outras coisas e tenho o bolsa família que ajuda e meu marido também ajuda muito. Mas sem o dinheiro que ganhei com a renascença eu não teria conseguido nada do que tenho.

É perceptível nessa fala da rendeira a importância da renda para complementar o rendimento familiar. Silva e Sobrinho (2020, p. 113) destacam a noção de desenvolvimento regional, a partir dos processos produtivos da renda no Cariri paraibano. No que tange à percepção das rendeiras sobre sua atividade, coloca-se como uma forma de resistência, a própria estratégia de sobrevivência do núcleo familiar, quando se trata da perseverança entre as rendeiras em continuarem produzindo a renda renascença.

Apesar da renda renascença estar passando por um processo dificultoso de comercialização do que quando ela iniciou nesse ofício a situação descrita por Acotirene, foi diferente de como é a comercialização atualmente, Acotirene ressalta que: “hoje em dia é

pouco o dinheiro eles só querem comprar barato, mas não foi desse jeito direto não antes o povo queria era de muito”.

Os Silva e Sobrinho (2020, p. 113) apontam marcos da produção no Cariri. Um deles se refere a um “período do isolamento” da peça, que seria a menor visibilidade da renda com sua comercialização, focada apenas nas feiras de Pernambuco. Essa atividade é assim considerada como uma forma de complementar o lucro, ou a principal fonte de sustento da família das “donas de casa e agricultoras”.

Atualmente sabe-se das dificuldades enfrentadas pelas rendeiras da região. Silva e Sobrinho (2020), falam sobre algumas dificuldades enfrentadas por rendeiras do Cariri Paraibano, assim como a frustração em torno dos seus objetos de criação e sua comercialização. Para os autores, as rendeiras apresentam sentimento de angústia dada a falta de continuidade da renda devido à dificuldade econômica. Nesse mesmo relato, os autores apontam a produção como algo de herança vinculada a saberes que passam de avós, para filhos e netos, o “saber fazer”. O texto apresenta estratégias das rendeiras para dar continuidade à renda de outras formas, com a junção da atividade tradicional vinculada aos *designers*. Identificam esse fenômeno como “hibridização” (2021, p.110) que seria a produção cultural comunitária ligada às demandas do mercado. Dando ênfase a continuidade da produção enfrentada pelas rendeiras, os autores destacam alguns personagens como atravessadores, que dificultam ainda mais a articulação econômica de quem produz o artesanato. Atualmente torna-se cada vez mais difícil identificar quem são esses atravessadores.

Em Cacimba Nova, a comercialização da renda acontece principalmente em cidades do Pernambuco como Jataúba. Antes havia várias feiras de renda na praça principal em frente à igreja matriz dessa cidade, porém hoje fazem-se inexistentes. Geralmente as rendeiras mantêm contato com atravessadores que se tornam compradores fixos, como Dior, uma senhora conhecida entre as rendeiras que já possui um histórico de compra entre elas. Algumas rendeiras (Margarida e Nísia) optaram durante um certo período em trabalhar com designers como Fernanda Yamamoto, sendo uma alternativa para comercializar a renda, já que era mais lucrativo receber mais por peças menores. Algumas delas relembram como um dos momentos que elas mais lucraram, produzindo renda em termos de retorno financeiro por produções mais rápidas. A renda acabou lhe proporcionando lembranças únicas, que foram abordadas por outras rendeiras de que eram do distrito próximo, que estavam nesse mesmo processo de produção para algumas dessas mulheres, a produção durou em torno de um ano em 2015, para uma coleção de roupas, conforme a imagem abaixo:

Figura 7 - Rendeira no desfile São Paulo *Fashion Week* em 2016



Fonte: Acervo da rendeira

Apesar dessa venda garantida por encomendas vêm com problemas que tocam muita preocupação das interlocutoras como: perda de liberdade criativa, ausência de reconhecimento de autoria, pressão para aceleração da produção o que pode ser considerado uma descaracterização da renascença.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas na comercialização da renda relatados pelos autores, muitas dessas rendeiras guardam consigo recordações afetivas com o que conseguiram a partir dessa atividade, como Tereza de Benguela que recorda o que fez com seus primeiros lucros:

ia largar porque, se foi com ele que consegui minhas coisas, a primeira delas foi ajudar em casa né, também ajudou a criar meus filhos e ajudar outras pessoas a também fazerem, e tudo graças a renda sem ela a gente num era nada, foi com ela que levantamos a cabeça.... Eu lembro até hoje do primeiro dinheiro que consegui. O meu primeiro dinheiro comprei um saco de batata doce, para tomar com café.

A partir dessa fala percebe-se que a renda foi um meio que a rendeira encontrou para contribuir em casa, e para si mesma, guardando afeto pelas recordações da primeira renda financeira. Nota-se também o orgulho dela quanto ao seu ofício, e o que conseguiu com ele.

A comercialização da renda ainda é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas rendeiras do Cariri e também em Cacimba Nova. Suelen Oliveira (2022), constata que as

rendeiras associadas do Cariri não conseguiram uma autonomia almejada, mesmo fazendo parcerias e projetos da prefeitura para esse propósito, buscaram outras alternativas para se sustentarem. Sendo algo comum entre elas recorrer a atravessadores que “compravam as peças de renascença por um preço abaixo do que era estipulado e venderiam por um valor maior, ganhando, portanto, com a capacidade de distribuição e com os contatos com clientes e/ou pontos de venda”. (Oliveira, 2022, p. 18). A maioria das rendeiras eram professoras ou agricultoras aposentadas, já tendo outros meios de subsistência para além da produção de renda que ocupava um lugar secundário.

4.3 AS VARIAÇÕES DE NARRATIVAS SOBRE A RENDA E SUAS SIGNIFICÂNCIAS

A relação das rendeiras Tereza de Benguela, Margarida, Acotirene, Frida, e Nísia com seu ofício não perpassa uma relação puramente econômica. As suas motivações para perpetuar a produção da renda na comunidade está relacionado ao âmbito afetivo que elas têm com seus objetos de criação. Conforme fala de Acotirene, “faço desde os 10 anos, não é agora que vou parar. Eu gosto porque faço do meu jeito, levo meu tempo pra fazer, já que é meu aí demoro fazendo”. Essa relação está sujeita à própria percepção que elas têm com a renda renascença representando algo delas mesmas, resultado do seu processo criativo.

Além das dificuldades já mencionadas por Acotirene, enquanto falava sobre o trabalho e o tempo que levava para produzir e o dinheiro que recebia após a venda, nota-se no processo produtivo que apesar de ser laboriosa essa atividade, ainda sim, encontra satisfação no que produz, “trabalha muito para ganhar pouco, mas fica tão bonito quando termina que chega dá gosto de ver, e me dá mais vontade ainda de começar um novo quando termino um já começo outro”.

A renda tem outras simbologias para Tereza de Benguela, que a associa a uma forma de distração. Segundo ela: “quando pego nele eu nem percebo a hora passar. Só vou fazendo. Acordo, faço as coisas em casa, e depois vou fazer aí passo o resto da tarde assim... puxo uma linha e outra e assim não me sinto só, quando eu vejo o dia já tem acabado”. A renda nesse sentido passa a ser vista como um elemento importante do seu cotidiano, não só um suporte inicial que ela obteve quando começou a fazê-lo na juventude. Mas também ganha um caráter quase que terapêutico, como forma de preencher os seus dias, tornando-os menos solitários. Com seu corpo curvado sobre o travesseiro, acelerando e desacelerando o ritmo em que puxa a linha na agulha para formar os seus pontos, relata que: “eu não penso em parar de fazer, se pensar nisso fico triste, e no dia que eu parar é porque eu vou descansar [morrer], mas a não

ser vou continuar fazendo”. Tereza de Benguela ainda faz renda mesmo enfrentando problemas de saúde.

As conversas que tive com as rendeiras ocorriam em sua maioria, no espaço da sala. É o local das casas onde elas passam a maior parte do seu dia. Sentadas em suas cadeiras/sofá, ou no chão, tomando como apoio a parede da casa, sempre com a renda no seu colo. Com a cabeça inclinada um pouco para baixo, para facilitar os seus movimentos hábeis. De vez em quando colocava sua mão sobre o travesseiro e o cobria para não o sujar durante suas pausas. Algumas vezes levantavam, quando suas costas doíam, ou quando esforçava seus olhos, era recorrente os desvios de olhar da renda, direcionando – se para a TV, ou celular. As rendeiras procuram outras formas de descansarem durante suas pausas, umas fazem suas atividades domésticas, outras comem, cochilam e retornam a sua rotina de trabalho. Algumas vezes essas rendeiras se juntam com outras para trabalharem em conjunto, geralmente entre as que são mais próximas, para partilharem uma com a outra o que fazem, quantos romances já fizeram, o que pretendem iniciar, quando terminam. E assim, acabam criando uma comunidade de rendeiras dentro de outra comunidade já existente.

A rendeira Margarida tem uma relação parecida com suas peças. Em alguns momentos é perceptível em suas falas o próprio sacrifício corporal que faz para continuar produzindo a renda: “nunca passei muito tempo sem fazer, não sabe? às vezes fico uns dias quando minha coluna dói muito aí fico sem fazer, ou tenho outra coisa para resolver”. O corpo passa a ser um elemento importante para elas. Concordo com Jackson (2010, p.59), no sentido de que o corpo humano é também um sujeito: “la mente no está separada del cuerpo”, de modo que adquirimos hábitos corporais à medida que praticamos algo.

Os esforços realizados pelo corpo dessas mulheres não se separam do ofício, enquanto estão sentadas com sua renda no colo e sentem dores físicas. Porém, é a partir dele que elas têm o contato direto com o que fazem, que controlam seus movimentos, o corpo não se separa de sua criação, pelo contrário, faz parte dele. O corpo, a mente, as dores, as sensações e os movimentos se entrelaçam nessa produção. Nesse sentido Citro (2010, p.55) propõe que as experiências do corpo também influenciam a vida social, argumentando que “a materialidade do corpo e sua capacidade pré-reflexiva de conectar o mundo através de percepções, sensações, gestos e movimentos corporais¹⁵”. Ou seja, as experiências práticas que são vivenciadas pelo corpo se vinculam com o mundo a partir de sensações e movimentos, que atravessam também significados culturais.

¹⁵ Tradução minha.

Para além da importância do corpo nesta atividade, as especificidades dos processos artísticos vigentes nessa produção mostram que as próprias rendeiras se orgulham do que fazem. Geertz (2008) destaca os fatores que definem a arte, sendo ela não apenas estética, mas que engloba os elementos que compõem as atividades sociais. O autor aponta que:

Mesmo os aborígenes australianos, que são sempre o exemplo mais citado quando se fala de povos primitivos, analisam seus desenhos corporais e suas pinturas no solo, utilizando inúmeros elementos formais específicos a que deram nomes também específicos, como gráficos unitários em uma gramática icônica de representação. (Geertz, 2008, p. 144)

O interesse de Geertz (2008) pela arte e análise dela parte dos seus interesses culturais de reflexão e criação do ser humano, as visões sobre as produções dos povos eram analisadas como parte da sua atividade social e cotidiano. Para além disso, considera assim que:

os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis. Assim como não podemos considerar a linguagem como uma lista de variações sintáticas, ou o mito como um conjunto de transformações estruturais, tampouco podemos entender objetos estéticos como um mero encadeamento de formas puras. (Geertz, 2008, p. 48)

Diante desse apontamento cabe adaptar para o universo da renda em Cacimba Nova, quando Frida destaca que “quando termino tudo fico olhando assim ele pronto fica tão bonito que chega fico olhando-o todo pronto, fico com dó porque tenho que vender barato depois. Mas só de ver ele pronto dá um alívio, sabe? Uma vontade de começar a fazer tudo de novo. Aí eu começo tudo de novo”. A partir dessa visão, podemos associar a própria percepção sobre os aspectos artísticos presentes na finalização das peças para ela, já é presente em sua fala o prazer estético relacionado a sua própria atividade.

Els Lagrou (2009, p.14) discute como os artefatos indígenas são condensados de valores, emoções e sentimentos. É através desses objetos que eles interagem com o mundo a partir do que produzem. Para a autora, “a grande diferença reside na inexistência entre os povos indígenas de uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados”.

Segundo a autora, o conceito de arte perpassa uma visão Ocidental, pois alguns povos que não partilham da mesma concepção do que seria a arte, e criam suas próprias tradições e formas de produzirem beleza. No universo da renascença, as percepções que as rendeiras têm com suas criações são exemplificadas pela fala de Frida: na admiração que ela sente e o prazer estético quando finaliza suas peças. Em fala similar, Nísia relaciona o seu ofício perpassando o valor econômico agregando a ele uma relação afetiva assim como as demais, demonstrando os seus sentimentos em relação a produção da renda e suas etapas criativas, “desde que aprendi peguei gosto em fazer, toda vida achei bonito ele todo pronto”.

4.4 AMARRANDO OS PONTOS

A renda renascença acaba se tornando uma peça não somente mercantil para as rendeiras, já que essa atividade por si só não garante o sustento da família, ela passa a ser uma alternativa que as mulheres buscaram inicialmente para complementar a renda familiar. Ela acaba tendo outras atribuições para as rendeiras de Cacimba Nova. Durante as falas se percebeu que a produção da renda renascença para cada uma delas tinha um significado diferente, enquanto para Tereza de Benguela têm um caráter terapêutico. Para Acotirene é uma forma de atribuir significado de trabalho ao seu cotidiano; Frida há um caráter de suplementar a economia da família, e fonte de suas conquistas iniciais assim como as demais; e para Nísia a sua simbologia se volta para a afetividade. Esse conjunto de atribuições formam um conjunto de significados que é partilhado por todas as rendeiras.

É notório que em cada uma delas são atribuídos diferentes significados igualmente importantes, tendo como algo similar a afetividade que cada uma atribui ao seu ofício, e o prazer estético que encontram nele. Sendo assim, percebeu-se que ela está envolta por conjunto de simbologias partilhadas pelas rendeiras, em que o afetivo, econômico, estético, terapêutico, e o corpo se entrelaçam. Concordando com Els Lagrou (2009, p. 38) quando afirma que, “entre os ameríndios artefatos são como corpos e corpos são como artefatos”. Algo parecido se enquadra entre as rendeiras citadas e suas criações, à medida que tecem sentem dores físicas e adaptam seu corpo ajustando sua postura, mas ainda assim continuam produzindo algo que também faz parte de si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se desdobrou no estudo sobre as mulheres rendeiras do Quilombo Cacimba Nova, tendo como problema de pesquisa: o que motiva as rendeiras a continuarem a produção, mesmo ela dando um retorno insuficiente para sua subsistência?

Foi possível compreender o que a renda representa para essas mulheres, mesmo ela sozinha não sendo suficiente para o sustento do grupo familiar. Tendo outras opções mais viáveis e baratas para o sustento delas, apesar dessas nuances ainda continuam a produzindo, pois elas não veem a renda renascença, a partir de uma perspectiva utilitarista.

A relação simbólica passa a ser um elemento que contribuiu para que perpetuem o que fazem, que foi internalizado desde que eram jovens em seu processo de aprendizagem, com o rito de passagem que as fizeram adultas e membros de uma comunidade, a de rendeiras que não foram estigmatizadas. É um trabalho que lhes dá uma certa autonomia, mesmo que não seja suficiente para o sustento, prazer estético, é uma relação afetiva com suas criações.

Durante o período de observação destaquei as práticas cotidianas das rendeiras e sua relação com o seu ofício. A partir da etnografia, essas rendeiras partilharam suas memórias em torno dessa produção e suas aprendizagens, assim como suas experiências de vida.

A partir dessa vivência foi possível compreender a relação que cada uma delas têm com a renda, e suas simbologias que motivam a perpetuarem sua produção. Esse ofício está envolto por dificuldades de comercialização, mas apesar disso, elas continuam o produzindo, não somente como uma fonte financeira. A aprendizagem se constitui em um processo contínuo em suas vidas, a renda foi excepcionalmente destacada como uma produção realizada no ambiente doméstico dessas mulheres. Com técnicas existentes nos seus objetos de criação, à medida que empregam parte de si enquanto o produzem. Sendo assim, uma das primeiras simbologias a serem constatadas foi a afetividade que elas têm com a renda renascença, desde as suas primeiras tentativas de desenvolverem suas habilidades com ela.

Essa atividade para elas gerou uma autonomia inicial em suas vidas, e a partir disso, se criou um laço com a sua fonte de renda, afetando o seu exercício como lideranças na comunidade. Assim como, a própria atribuição desse ofício um significado de trabalho na vida delas. Percebemos, que isso gerou um sentimento de gratidão pela renda por tê-las dado uma autonomia inicial para criarem seus filhos, gerando uma relação de dívida entre elas e suas criações. Essas mulheres passam a perpetuarem seu ofício de uma geração para outra,

mesmo que isso não lhes proporcione um bom custo-benefício. Manter a renda viva seria a contra-dádiva.

Além do prazer estético, encontrado nas falas dessas rendeiras em torno de seus objetos de criação, apesar das dores corporais que ele produz durante um extensivo dia sobre uma mesma posição para produzi-lo. O que nos diz sobre a própria percepção que esse grupo tem sobre o corpo, como uma extensão de suas ferramentas de trabalho. Que precisam conciliar entre suas muitas atribuições diárias. Nesse sentido, esse conjunto de ações e percepções como uma série de simbologias diferentes para o mesmo objeto, atribuindo-o a uma gama de significâncias que entrelaçam a vida cotidiana dessas mulheres, desde o prazer estético até um emaranhado afeições sobre a mesma peça, sendo esse conjunto de significâncias um elemento partilhado por elas.

Contudo, a presente pesquisa não conseguiu contemplar todas as possibilidades. Há muitos aspectos dela que poderiam gerar novos aprofundamentos e uma continuidade de pesquisa. O aspecto de como se constitui a relação das rendeiras com as redes de comercialização de sua produção é uma delas, assim como as trocas estabelecidas entre as redes de relações criadas dentro da comunidade de mulheres que produzem renda renascença em Cacimba Nova, tendo esses aspectos que faltaram podendo servir como desdobramentos de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Else de Farias.; MENEZES, Marilda. O valor material e simbólico da renda renascença. **Revista de Estudos Feministas [online]**. 2007, vol. 15, n. 2, p. 461-467. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a13v15n2.pdf>. Acesso em: 27 out.2022

ALVES, Ana Elisabeth Santos. CUNHA, Tânia Rocha Andrade. Memória do trabalho domiciliar e gênero. **Fazendo gênero, Diáspora, Diversidade, Deslocamentos**, 2010.

BRITO, Edilene Leandro de. **As dobras e redobras da renda renascença**: exemplificação do barroco na contemporaneidade. Caruaru: 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia) Curso de Design, Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal do Pernambuco, Caruaru-PE. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31579>. Acesso em: 6 jan. 2023

BRUSSI, Júlia Dias Escobar. **Batendo bilros**: rendeiras e rendas em Canaan (Trairi – CE). 2015. 222 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22000>. Acesso em: 2 dez.2022

BUSTOS, Tania P.; GUTIÉRREZ, Sara M. Aprendiendo a bordar: reflexiones desde el campo sobre el oficio de bordar y de investigar. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 279-308, jul./dez. 2015 <https://www.scielo.br/j/ha/a/XMPvdVZsdTq4mhJr6KsnTdp/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 13 set 2023

CAMARA LEGISLATIVA. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/33842/quadro_historico_%20art68.adc.t.pdf?sequence=1#:~:text=68%20%2D%20ADCT%20%2D%20%E2%80%9CAos%20remanescentes,emitir%20lhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos%20%E2%80%9D. Acesso em: 30 out.2023

CITRA, Silvia. Et. al. **Cuerpos Plurales**: Antropología de y desde los cuerpos. Editorial Biblos/ Culturalia. 1 ed. Buenos Aires, 2010.

DOS SANTOS, C. A. B. P. Maria do Povo: etnografia de uma resistência no semiárido piauiense. **Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.]**, v. 1, n. 43, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/vivencia/article/view/6802>. Acesso em: 24 set. 2023.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. DA. Etnografia: Saberes e Práticas. **ILUMINURAS**, v. 9, n. 21, 4 set. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>. Acesso em: 9 dez. 2022

FERREIRA, Rafael de Farias. A memória como método nas ciências sociais: o caso das mulheres rendeiras em São João do Tigre. 2017. 70f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4840>. 8 nov. 2022

GEERTZ, C. **A arte como um sistema cultural**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Ed 1, Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p. ISBN 978-85-216-1333-6.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Ed 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 30 out. 2023.

HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n.132. 2007.

IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios#:~:text=O%20Censo%202022%20mostrou%20que,total%20de%20quilombolas%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 29 out.2022.

INCRA, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governancafundiaria/acompanhamento_processos_regularizacao_29.11.23.pdf.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v33n01/v33n01a02.pdf>. Acesso em: 12 ago.2023.

KESKÜLA, Eeva; MARINS, Cristina Teixeira. Perspectivas antropológicas sobre o trabalho: conceitos, abordagens clássicas e transformações. **Revista Antropolítica**, v. 54, n. 2, Niterói, p. 436-450, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/55384/32627>. Acesso em: 20 set.2023.

KUSSIK, Helena Luiza. **Renascença no agreste pernambucano**: um estudo etnográfico sobre a técnica em Jataúba - PE. 2016. p 119. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/59358>. Acesso em: 10 dez. 2022

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37–47, jul. 2015. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Aprendizagem como/na prática. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010471832015000200003>. Acesso em: 07 ago.2023.

LEITE, Ilka Boaventura. **Terra de Quilombo**. In: Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos: coordenação geral [de] Antônio Carlos de Souza Lima. – Brasília / Rio de Janeiro / Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia / laced / Nova Letra, 2012; p.576. 23 cm. ISBN 978-85-7682-461-9. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3989768/mod_resource/content/1/Livro%20Antropologia%20%20Direito%2C%202012%20%28miolo%29.pdf. Acesso em: 28 out.2023.

- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129–156, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 dez. 2022
- MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naif, 2003. p. 536.
- MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-424.
- OLIVEIRA, Ana Suélen Silva. **Ações de incentivo à renda renascença no Cariri Paraibano a perspectiva de rendeiras associadas**. Sumé -PB, 2022. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil. 2022. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/24654> Acesso em: 5 nov. 2022.
- PIERROT, Alain. Aprendizagem e representação. Os antropólogos e as aprendizagens. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 49-80, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200004>. Acesso em: 31 jul.2023.
- PINHO, Osmundo Araújo; LIVIO, Sansone. **Raças: Novas Perspectivas Antropológicas**, EDUFBA, 2008.
- RODRIGUES, Adriana Farias. **Agulhas de sangue: renda renascença e expropriação do trabalho: análise da comunidade rural no Cariri Paraibano e da produção industrial na cidade de Poção-PE**. 2019. 141f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/11788>. Acesso em: 11 nov. 2023
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **Técnica e transformação perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro: ABA, 2017. 500 p. ISBN 978-85-87942-52-4
- SAUTCHUK, João Miguel Manzanillo. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5091>. 30 nov. 2023
- SILVA, Fabiana Miranda; GUERRA SOBRINHO, Lemuel Dourado. A renda renascença na Paraíba: enredos de cultura, moda e desenvolvimento regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 107-132, jul. 2021. ISSN 2317-5443. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/9073>. Acesso em: 14 nov.2022
- SILVA, Rosana de Medeiros. **Meu barro é de Lagoinha: Trajetórias de vida e experiências cotidianas das mulheres quilombolas**. 2018. 111f. (Trabalho de Conclusão de Curso –

Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4202>. Acesso em: 13 set. 2023

SOUSA, Claudiane de Fátima Melo. Resistências e reprodução social, política e econômica: a produção de boa gente no campesinato quilombola amazônico. EDD – **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.8, n.1 e 2. 2014.

SOUZA, William Kennedy do Amaral. **Trabalho-educação, economia e cultura em povos e comunidades tradicionais**: a (re)afirmação de modos de vida como formas de resistência, 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16380>. Acesso em 25 set.2023.

TURNER, Victor. **Floresta dos símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. EdUFF, Niterói, RJ. 2005

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e Antiestrutura. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WHITE, Leslie A. **A Base Da Cultura**: o Símbolo. In: - O Conceito de Cultura. Contraponto. Rio de Janeiro. 2009.

APÊNDICE

Roteiro de Pesquisa

1. Como foi que você teve contato com a renda?
2. Com quantos anos começou a fazer renda?
3. Com quem aprendeu?
4. Ensinou alguém a fazer?
5. O que a renda proporcionou para sua vida?
6. Para quem trabalha?
7. Que tipo de peça está produzindo?